ANNO XXVI — N.º 48
Rio, 26 de Novembro de 1932
— PREÇO: 1$000 —
FON FON

A confiança exclue a duvida

Quando ensaiamos nadar pela primeira vez, dominanos o medo; desde, porém, que conseguimos vencel-o, graças a um braço protector, o medo se transforma em inteira confiança.

O mesmo occorre com a saude. Depois de havermos conseguido, uma vez, dominar a dôr com

o remedio de confiança

temos a certeza da victoria sempre que de novo ella appareça.

Para as dôres de cabeça, dentes, ouvidos; nevralgias, enxaquecas; colicas das senhoras; resfriados, etc. Levanta as forças, reanima e é totalmente inoffensivo.

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

O conto brasileiro

REDEMPÇÃO

De AUGUSTO NOGUEIRA

E o propheta desceu das montanhas.

Pés descalços. Sangrando nos pedrouços do caminho tortuoso. Tunica branca esvoaçando ao vendaval da serrania.

E lento. E meigo. E quieto.

Semelhava uma aza espalmada que fosse descendo.

Quando chegou na planicie, ergueu os braços para o alto. Perdoando. Abençoando.

Cabellos negros que cheiravam a nardo: espalharam, então, perfume e delicia, pelo valle triste, pela planicie calma.

Olhos negros: sob os cilios longos, pareciam dormir, como a agua quieta e pura, numa fonte, cercada de hervas altas.

Continuou caminhando. Para a cidade-tentacular. Para a cidade-turbilhão.

* * *

E andou a tarde toda, emquanto o sol estorricava as plantas tenras á beira das estradas. Seus pés descalços sangravam. Um suor livido empastava-lhe os cabellos na fronte livida.

O propheta parou no limiar sombrio dum bosque soturno e trevoso.

Era já noite.

Uma fonte offertava aos passantes a bençam de sua agua crystalina.

Uma mulher, debruçada, offertando talvez aos passantes a dádiva de sua complacencia.

E ella falou:

— Vim para matar-me. Desesperada. Enlouquecida. E cahi exhausta á sombra calma deste bosque. Trouxe commigo um punhal fino e excitante como a vida. Abandonei a cidade para refugiar-me na morte. Onde outro abrigo mais seguro? Vês como sou linda? No emtanto, os homens me expezinharam humilhando-me com a brutalidade dos seus desejos e com a mentira de suas promessas.

O primeiro sorveu a frescura de minha adolescencia e teve as primicias de minha belleza. E partiu. Vieram os outros. Vicio. Paixão. Capricho. Embriaguez. Trouxeram tudo. Menos amor. Os homens não amam. Odeiam e matam.

Eu nunca fui amada...

Deixei hoje a cidade-tentacular, a cidade-turbilhão, para matar-me. Na sombra amavel deste bosque. Ouvindo o sussurro desta fonte como o murmurio dum amante que não tive... Trouxe o meu punhal, que é esguio e ponteagudo como a vida. E ainda não tive coragem. A noite accendeu em meu coração a sêde dum amor que não existe na terra. Um doce presentimento de paz e pureza veiu pairar no fundo de minha alma torturada...

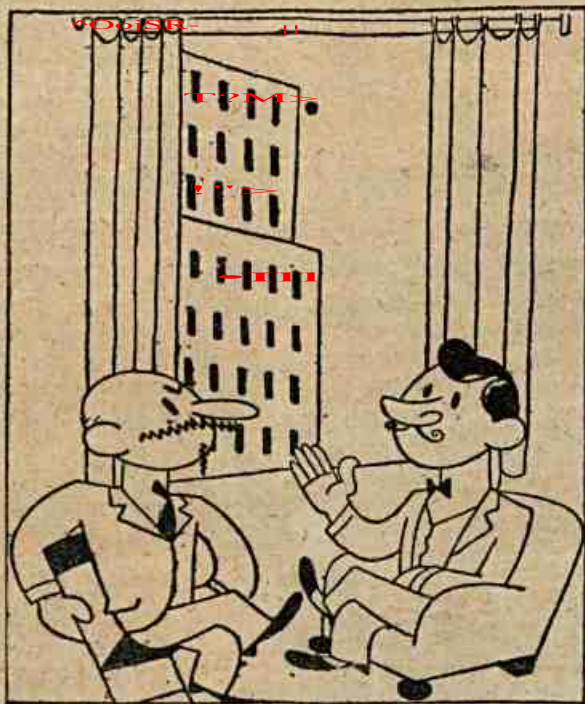
* * *

E o propheta voltou para as montanhas. Pés descalços. Sangrando nos pedrouços ponteagudos do caminho aspérrimo.

Ao seu lado, subia, vagarosa, a doce peccadora.

E lentos. E meigos. E quietos.

Semelhavam azas espalmadas que fossem subindo.

A mulher ainda voltou os olhos para a planicie calma, para o valle triste. E continuou a ascenção...

— Que lindo appartamento! E' pena que esse arranha-céo lhe tire uma perspectiva magnifica!

— Ao contrario: offerece-ma esplendida.... porque é de uma tia minha, da qual sou eu o unico herdeiro!

ZEZINHO (Matto Grosso) — Mas, caro poeta, por que não diz, francamente, o que significa a sua literatura?

Acaso o sr. estará brincando ou fala sério? Não percebo nada do que me escreve.

A sua carta é muito grave, muito sizuda e muito delicada.

Uma prova? Eil-a:

"Snr. Ives. Rio de Janeiro. Amigo e senhor: Pela vez primeira tomo a liberdade de lhe escrever. Reconheço a minha ousadia. Mas, a gente para ser feliz, no mundo, é preciso e deve ser ousado.

A ousadia é a felicidade, é a fama, é o nome, é a vida.

Sou ousado, não temo a critica. A critica é o valor.

Meus versinhos, podem ser criticados, snr. com justiça e sinceridade.

Nada mais sublime entre os homens, um homem sincero e justo.

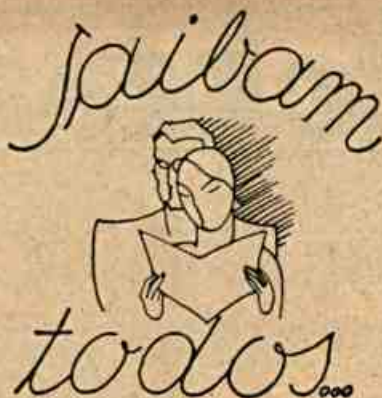
Sou neophito na arte sublime de fazer o verso.

Sem mais termino, queira acceitar um abraço do menino, que reconhece na sua pessôa, um dos talentos da nova geração (geração) brasileira, na sua penna a linha recta da justiça e da verdade, e na sua alma o symbolo da bondade suprema e da belleza humana.

Do teu amo. muito obro. *Zézinho.*"

Como vê, a sua missiva é seria. Mas a sua collaboração dá a idéa de que você está fazendo pilheria commigo. Quer outra prova? Leia-mol-a aqui:

CONTRASTE

Querida,
eu gosto de você,

e você gosta de mim...

Não sei porque,
eu gosto da vida,
e a vida não gosta de mim...

E' por isto, talvez, que diviso:

Tenho nos meus olhos
uma lagrima quente
para você, Querida...
E tenho nos meus labios
um sorriso
indifferente
para a vida.

Zé do Barro.

JURANDO...

— Jurar
que eu gosto de você,
por quê!
Não é preciso mais, Querida,

A gente,
quando jura,
mente.

— Mas, jura!
— Bom, vai lá que seja!

Já que você deseja
eu vou jurar...
mas, juro,
tolinha,
que a minha
jura
e a verdade mais feia deste
[mundo!

Juro!... que só por ti me in-
[flammo...

e quasi me arrebento,
no juramento...
Eu te amo!... eu te amo!...
[te amo!...

Zé do Barro.

Sinceramente, não sei si o sr. escreveu essas babuzeiras para fazer piada, ou si teve, mesmo, uma idéa de que as considerasse amostra da sua arte...

Si tem febre, não m'o negue, poeta de Matto Grosso...

HORTA (Capital) — Muito bem. Quer o sr. a resposta de sua carta que logo abaixo se lê.

"Sr. Ives. Peço-lhe tres favores cujas respostas aguardarei no "Saibam Todos...", que deverão ser dirigidas a "Horta":

1.º) Onde poderei encontrar os seus dois ultimos livros?

2.º) Poderia indicar-me uma boa obra do sr. Gustavo Barroso e o lugar onde encontral-a?

3.º) Com o "Poema Pobre", que segue, poderei iniciar collaborações em revistas como o "Fon-Fon"?

Espero perdoar a quem muito o admira e lhe agradece."

Eis as informações que lhe devo:

I — Os meus ultimos livros são: "O Suave enlevo", poema, (3.ª edição) preço 4$000 brochura e "Uma "garçonne" carioca", romance, preço 6$000, brochado, em todas as livrarias do Rio, notadamente na Flores & Mano, á rua do Ouvidor, 145 e Livraria Alves, rua do Ouvidor, 166.

II — Eu gosto de todas as obras de Gustavo Barroso. Não é possivel indicar esta ou aquella. Procure o catalogo da Livraria Alves acima indicada, e nelle encontrará a relação dos livros do conhecido academico.

III — O seu "Poema pobre" não é forte. Mas não desagrada. Vamos vêr si é possivel arranjar-lhe um logar no FON-FON. Espere com paciencia, a sua vez.

Eu esperei muito. E ainda hoje espero a bôa vontade dos collegas — que se comprazem em destruir e negar o valor alheio, que é, o merito de quem o tem.

Portanto, poeta...

HERMES FERREIRA (Capital) — Seus versos não podem ser publicados.

AVOSINHA (Capital) — Muito agradecido pelo seu presente. Oh, mas eu estou no dever de retribuil-os. Como poderá ser isso? Já não é sem tempo.

Si v. ex. não entendeu o que escrevi, a culpa não é minha. Creia que procurei ser muito claro.

ARICAR (Bahia) — Sim, senhor. Seu Aricar, o sr. é a melhor prova de que um redactor de uma secção como esta, ainda póde acabar maluco, si não descobrir um meio de liquidar os maus poetas impertinentes...

Santo Deus! Será possivel que o Brasil só dê poetas — e maus na sua generalidade!

O sr. é renitente. Quer dizer, não desanima em martyrizar a paciencia do proximo.

Vejamos a sua carta. Diz o sr. com uma indifferença pasmosa:

"Prezado am.º Ives. Saudações cordeaes. Tenho o prazer de, com esta, pela segunda vez, voltar á sua presença...

...e espero sua resposta pela "Saibam Todos...", com brevidade.

Sem mais, assigno-me com toda consideração e estima."

Agora, é a obra prima:

DAS MULHERES...

Eu não me fio em mulher
Que é toda dengo e carinho.
E' um tipo muito fino, todo in-
[teresse,
Que quer jogar o laço de man-
[sinho...

* * *

Amor de mulher
Merece confiança?
O meu pensar sobre o bichinho
E' que o comparo co'uma lança...

* * *

Mulher! Que ser tão complexo!
Eu dele tenho, sim, medo...
Mas... Quem ha, nesta vida, de
[fugir
Aos seus carinhos, mais tarde ou
[mais cedo!

Aricar."

Francamente, sr. Aricar, o sr. é um homem de coragem. Quem escreve taes versos, (?) e pede a sua publicação, é capaz do seguinte:

de engulir um porco espinho;

de jantar uma fritada de alfinetes;

de dar murro em duas facas de ponta;

de deitar-se debaixo da pata de um elephante;

de engulir o pó do café e beber, a seguir, a agua fervente;

de metter a mão em combuca;

de deixar-se mastigar por um jacaré;

de... de o quê? O sr. é capaz de acreditar no amor de uma mulher, que leia as suas versalhadas...

Uff! *Seu* Aricar. Assim tambem é de mais...

Valha-me Nosso Senhor do Bomfim, que é o Nosso Senhor mais milagroso da Bahia e de toda parte do mundo. Livre-me, Senhor, dos poetas, como *seu* Aricar! — Amen.

IVY (Rio Grande do Sul) — Olá! E' muito delicada a sua missiva. Espero poder enviar-lhe a minha photographia, uma vez que deseja tanto conhecer-me.

O retrato que me fez anda longe da verdade. Em alguma coisa, acertou. Mas em quasi tudo, errou desastrosamente.

Prometto attender o seu pedido. Mas, como si não me enviou o seu endereço?

Santa Maria, ao que parece, não é uma aldeia... Não é verdade, bella gaúcha.

E a sua foto, não virá?

DEMETRIUS (S. Paulo) — Impossivel attender o seu pedido. Este é mesmo um absurdo. Como é que o *FON-FON*, assoberbado com tão avultada collaboração de toda parte do Brasil, iria reeditar o trabalho de um mesmo autor?

Não, caro confrade. Conte commigo para aquillo que fôr possivel; para o que fôr impossivel — não.

YVESINHA (Capital) — Perfeitamente. O resto não se discute. E' claro que não me defendo de calumnias. Si vier, verá que o diabo não é tão feio como se pinta. E terá a certeza de uma coisa: ou a sua amiguinha está despeitada, ou nunca me fez a visita a que allude, e muito menos nesta redacção. E' possivel que me haja telephonado. Mas que attenções devo eu a uma anonyma? Vamos! Sejamos justos.

Pretencioso? Outra injustiça que ella me faz. Em todo caso, si eu o fosse, sempre teria as minhas razões.

Ha outros que o são, e valem menos do que eu.

Por que encobrir a luz do sol?

Quanto ao mais — depende. Faça a experiencia.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia destinada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Portal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 26 - 11 - 932

Data da consulta...............

Nome do consulente...............

....

HISTORIA DE TODOS OS DIAS

A costureirinha, com os magros nickeis que conseguia apurar no fim da semana, comprava medicamentos para a velha mãe, que, estendida numa cama, definhava lentamente, em consequencia da tuberculose, que cada vez mais lhe minava o organismo.

Maria Lucia era de uma formosura invulgar: o rostinho mimoso realçava-lhe a pouca idade, e aquelle par de olhos azúes, num contraste frizante com os cabellos negros, parecia querer lembrar que tambem a sua mocidade radiante contrastava fortemente com a vida miseravel que levava.

Quantas vezes, ao passar pelas vitrines das casas de modas, ficára a namorar os vestidos luxuosos e pelliças caras com uma vontade louca de possuil-os! Quantas vezes ambicionára joias de alto preço, e as magnificas "limousines" que via deslisar pelas avenidas da cidade! O dinheiro, porém, não dava para nada disso, e era muito frequente passar os horrores da fome, para dar o pão de vespera á pobre enferma. E a situação se agravava cada vez mais... As costuras diminuindo a olhos vistos, uma crise que não era só em sua casa, mas em todo o paiz, causando uma depressão dolorosa e uma sensação de mal estar geral. Não podia comprehender porque Deus a abandonára justamente no momento em que mais precisava do seu auxilio. E num momento de desespero blasphemou!

— Que fiz eu para ser castigada desta maneira?! Que fez minha mãe para soffrer este martyrio? Oh Deus, para nós não és o justo que todos dizem ser!

— Paciencia, minha filha. Resignemo-nos com o destino que nos foi conferido. Haverá maior soffrimento que o meu? Sei que da cama me levantarei mais desta, mas sinto-me resignada.

— Mas, minha mãe, emquanto soffremos esta horrenda miseria, lá fóra, nos bairros ricos, se esbanja o dinheiro. Eu atormentada pela fome, a senhora a morrer nesse catre immundo, por falta de assistencia; tudo isso por que? Porque não possuimos um nickel em casa. Assim que Deus é misericordioso?

— Não blasphemes, minha filha.

— Não posso comprehender esse estado de coisas. O mundo caminha para um fim que está muito proximo. Assim não poderei mais continuar. Vou procurar um emprego. Quando estiver no trabalho, pedirei á vizinha que faça companhia á senhora.

Sahiu. Depois de ter corrido numeras casas, recebendo sempre a resposta negativa, ao passar por certa rua, se lhe deparou o seguinte letreiro:

Precisamos de moças para cor-tas theatraes. Pagamos bem.

Entrou. Na saleta de espera muitas outras aguardavam a vez de ser attendidas. Sentado numa mesinha de pinho achava-se um homem de meia idade, que chamava as candidatas. Foi á mesinha, deu o seu nome, vindo sentar-se junto ás outras. Emquanto

De Paulo Valladares

esperava, ia analyzando as physionomias; mulheres de todas as idades se misturavam naquelle acanhadissimo aposento. Tudo denotava que estava entre gente da peor especie. Seu primeiro impulso foi voltar immediatamente para casa. Mas reflectiu: "Onde arranjarei dinheiro para minha mãe? Por causa do asco que me causa este ambiente, deixarei que ella morra sem assistencia?" Estava com esses pensamentos na cabeça, quando a voz do homem da mesinha a fez voltar á realidade:

— Maria Lucia Cardoso.

Seu coração bateu mais depressa. Um temor estranho se apoderou della. Que trabalho iria dar elle? Como é que se aventurára a procurar um emprego do qual não tinha a minima pratica?

— E' quasi certo não me acceitar, mas farei o possivel. Apellarei para os seus bons sentimentos.

O homem repetia o chamado:

— Maria Lucia Cardoso.

Levantou-se e dirigiu-se ao gabinete do empresario. Ao entrar, encontrou, sentado a uma escrevaninha muito suja, um velho que examinava umas photographias. Sem levantar a cabeça, disse-lhe:

— Queira sentar-se.

Quando acabou de examinar detidamente as photographias é que dirigiu a palavra a Maria Lucia:

— Olé! Que menina bonita! Quer serviço? Dança bem? Já trabalhou no palco?

— Nada disso sei fazer, meu senhor. Foi a necessidade que me obrigou a vir pedir-lhe uma collocação. Desde hontem não como. Minha mãe tuberculosa acaba os seus dias sem assistencia de especie alguma. Tenha piedade da miseria que temos passado.

— A senhora vem aqui sómente para importunar-me? Como poderei dar trabalho a uma principiante? Não sabe a responsabilidade de um empresario theatral para com o seu publico? Ora, minha menina, vá bater a outra porta.

Desolada, Maria Lucia ia se retirar, quando ouviu o empresario dizer-lhe:

— Espere um pouco. Talvez se possam arranjar as coisas. A menina não precisa trabalhar. Basta que corresponda ao amor que lhe dedico.

— Isso nunca, senhor.

— Então não ha trabalho. Póde se retirar.

— Está bem! Corresponderei — disse, ruborizada, Maria Lucia.

— Dá-me um beijo?

— Poderei dar. Tirando disfarçadamente da bolsa um pequenino revolver do qual não se separava nunca, no momento em que o seductor ia praticar o acto revoltante, uma detonação foi ouvida na casa inteira.

Na sala de espera, algumas, das mulheres que ali se achavam tinham crises nervosas; outras pediam soccorro, e, finalmente, todas procuravam fugir numa balburdia infernal. Dois minutos depois do crime praticado, appareceu o homem da mesinha acompanhado de dois policiaes.

— Senhorita, tem alguma declaração a fazer?

— Sim: matei-o em defesa da minha honra.

— Na delegacia, a senhora completará o seu depoimento.

. . . .

Seis mezes depois foi julgada. O jury absolveu-a por unanimidade. Sua mãe, com o choque, falleceu mais depressa do que se esperava. Maria Lucia, durante o processo, apaixonou-se pelo seu joven advogado, e, como não tinha meios para pagar-lhe os honorarios, offereceu-lhe o seu amor immorredouro, que se tornou realidade num casamento feliz.

EUSEBIO PEREIRA, após a sua habitual refeição, dispôz-se a ler o ultimo livro que comprára, "Pés Quebrados". Rodeavam-no sua mulher e seu filho mais moço, um fórte rapagão de 22 annos de idade.

Eusebio já ultrapassára a casa dos 70, pouco

— A's vezes, fico pensando: que diriam esses tigres, si pudessem falar?
— Ora, diriam: "O senhor está enganado, cavalheiro, porque nós somos leopardos!"

AVIADOR IMPROVIZADO...

sahia á rua e não embarcava em bondes porque soffria de vertigens.

Repentinamente, assaltou-lhe a idéa de fazer um "raid" em avião até Montevidéo. Inconti-nenti, expôz o seu proposito á mulher e ao filho; estes, estupefactos pelo inesperado da revelação, baixaram a cabeça, receiosos de ter de levál-o a fazer um "raid" ao manicomio.

Eusebio não estava pelos autos e, para mos-trar a sua disposição, começou a pular e a dan-çar e a fazer toda a especie de cabrioleios. Dei-xando os seus, em pranto, rumou para o campo de Aviação, onde contractou o aviador Fran-cisco Martins para acompanhal-o.

Com uma agilidade espantosa tomou assento ao lado do piloto.

Quando começou a ascenção, Eusebio não sen-tiu o menor arrepio, dominando completamente os nervos.

Em grande velocidade, o apparelho vencia a distancia e, depois de oito horas de vôo, o pi-loto Francisco Martins largou a direcção do avião, levando a mão ao peito e pendendo a ca-beça sobre uma almofada. Sem direcção, o ap-parelho descia vertiginosamente. Eusebio aus-cultou, o peito do seu companheiro e verificou

ÉXTASE

Ha perfumes de seiva pelos ares,
Farfalham levemente as ramarias,
Debatem-se as tristezas, os pesares,
Numa luta mortal com as alegrias...

E' noite — morrem lánguidos cantares
Longinquos — restos de fataes orgias...
Na mansa placidez dos meus scismares
Correm as horas, rápidas, vazias...

Beijemo-nos, amor, que nos teus beijos
Ha promessas de gozo e de ventura.
Oh! vem mais uma vez, que os meus desejos

Crescem! Estrellas no alto, oh! anda vêl-as,
Ruluzem. Num assomo de ternura,
Beijam-se os astros, beijam-se as estrêllas.

Florianopolis

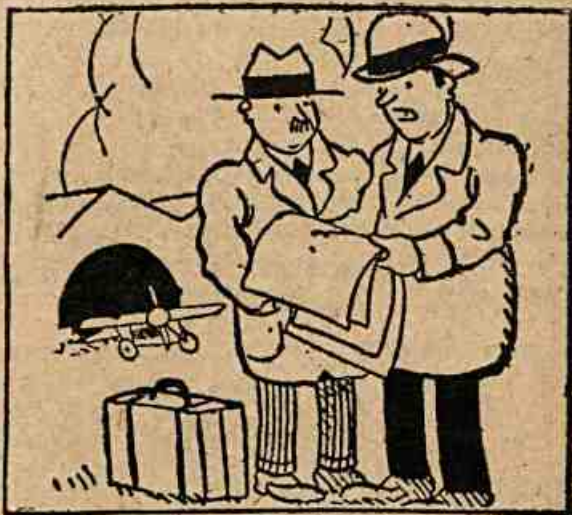
FRANCISCO TH. ALVES

De Cardoso Filho

que o mesmo estava morto; sem perder tempo, jogou o corpo do infeliz ao espaço e tomou o seu logar na direcção do apparelho. Clareava o dia, e Eusebio, lá ao alto, calmamente, apreciava os lindos panoramas, sentindo-se uma aguia voando por sobre a mediocridade humana... Contemplava os campos, os montes e os pequenos regatos que cortavam as entranhas da terra e correspondia, abanando com o chapéo, ás saudações dos camponezes. Ao chegar a Montevidéo, fez diversas evoluções sobre a cidade e, graças á pouca altura em que voava, distinguia a multidão que o esperava e conseguia ler alguns disticos: "Salve o grande aviador Eusebio!" "Viva o desbravador dos ares!", etc. Eusebio exultava. Nunca imaginára tamanho successo ao fim de sua vida. Fez diversas evoluções sobre a fortaleza do Cêrro, sobre o Palacio do Governo, sobre o Palacio Salvo, etc. Atordoado com o ruido do motor e com as ovações do povo apinhado junto ao monumento de Artigas, Eusebio levou as mãos á cabeça e o apparelho desgovernou, indo de encontro á torre do Palacio Salvo, espatifando-se completamente.

Eusebio Pereira levantou-se, esfregou os olhos e atirou com o "Pés Quebrados" ao chão. Ao ir ter de encontro á torre, Eusebio cahira da cadeira onde adormecêra...

Olhando para a mulher que pacatamente costurava a um canto, o velho, mal humorado, gritou-lhe:

— Maldito futurismo! Este livro foi o causador de um formidavel pesadêllo...

— A aviação se torna cada vez mais perigosa.
— Por que?
— Imagina! A imprensa annuncia um casamento em avião!

TRANSFIGURAÇÃO

Da tristeza infinita do meu sonho
Nunca ninguem, talvez, se apercebeu.
Mas eu, que a gloria esbanjo assim risonho,
Sou, pelas glorias, o que mais soffreu.

Aquella a cujos pés incenso ponho
Outro sonho de amor, feliz, teceu.
E os pobres versos que a chorar componho
Vêm de um passado que tambem foi seu:

Não podeis perceber meu desencanto,
Porque, nuns outros olhos de amarantho,
Foi minh'alma buscar fallaz ternura.

Eu trago o pranto em risos disfarçado
Para esquecer o beijo alcandorado
Da que eu suppuz que fosse uma pintura!

HORACIO MENDES

ELEITA DO CORAÇÃO

De

HORMINO LYRA

* * *

GOSTÁRA Gabato de linda lisbôeta e, pouco tempo depois, contractára casamento com esta, não obstante a manifesta opposição do pae della. Dona Candoca, a futura sogra do joven, sympathizára com elle e tudo fizéra por annular a antipathia do marido em relação ao futuro genro.

Cedêra o velho ás injuncções do partido formado em casa para favorecer o predilecto da primogênita do casal. Os irmãos, as irmãs, os tios, as tias, os primos, as primas, os amigos mais intimos; todos estavam do lado de dona Candoca, a *leader* do movimento em favor de Gabato, que lhe amava a filha a quem tinha prazer em fazer todas as vontades possiveis. Contrafeito, cedêra o chefe da familia e consentira em seguida no contracto do casamento.

Palestrava sempre com o futuro genro. Era cavalheiro para com elle, afim de não desgostar a filha, a quem dedicava extremos, mas procurava todos os meios de desfazer o contracto.

Um dia, a noiva de Gabato falara-lhe no desejo do pae ir residir num paiz europeu e sobre a possibilidade de casarem para acompanhar a familia della. Lá seria facil o pae conseguir collocação para elle.

Gabato não concordára. Não deixaria o seu emprego vitalicio por castellos no ar. Aqui tinha já o pão garantido; tel-o-ia ou não noutro paiz: era tudo problematico, imaginario. Não. Tivesse santa paciencia, mas em hypothese alguma deixaria a sua patria para ir procurar emprego em logar estranho.

Não poderia senhorinha viver ausente do paiz. E rogára e supplicára com muito carinho o deferimento da sua pretenção.

Disséra Gabato ser absolutamente impossivel satisfazer-lhe o anseio de acompanhar a familia.

E chorára a supplicante.

E a insistencia della causára-lhe decepção.

Não obstante ser o joven delicado e a joven muito gentil, fôra inevitavel a desintelligencia entre ambos.

De tal sorte o velho ateára o fogo da discordia no meio de dois amistosos corações, que poucos dias depois escrevia elle uma carta á noiva, outra ao ex-futuro sogro, promptificando-se a normalizar a situação da casa deste com a retirada do pedido de casamento. Preferia soffrer com resignação os tormentos da ruptura do contracto, a trazer a intranquillidade para o seio da familia que o acolhêra com tanta fidalguia.

Silenciára a senhorinha.

Respondêra o pae, agradecendo a gentileza, sentindo ter sido o causador do desaccordo. Comtudo, á filha achava caber a maior culpa, por não haver pensado melhor ao contractar casamento, pois devia saber que seria o seu dever acompanhar o marido.

Devolveram-se os presentes de noivado, as photographias. Fêl-o Gabato com o coração sangrando. Fêl-o a senhorinha, banhando-se-lhe de pranto a alma excellente, generosa.

Tudo desfeito, nunca mais o velho falára em mudança.

(Continúa na pag. seguinte)

Quando, comprehendêra ella o plano do pae, alguem procurára falar a Gabato, afim de conseguir o reatamento das relações amistosas.

Desgostoso, já havia pedido transferencia para outra localidade, visto ser funccionario federal.

E alguem lhe escrevêra sob pseudonymo, aconselhando-o a voltar, pois uma pessôa, que nunca o esquecêra, ficaria bastante contente. Podia voltar, devia voltar para felicidade della e delle tambem, porquanto sabia, tinha plena certeza de que muito se amavam.

Não sabia a quem responder...

ELEITA DO CORAÇÃO

(Conclusão)

Os deveres funccionaes não permittiriam a volta assim, tão breve.

E o tempo fôra passando e nunca mais tivéra noticias della. Certo de já ter seguido para a Europa, procurava esquecêl-a por todos os meios até que casára com outra.

E a vida não era má. A outra fôra sempre espôsa exemplar, amiga sincera, bôa companheira. Estava contente.

Sonhava agora com a vinda de um herdeiro.

As aves só fazem o ninho para os filhos criar.

E veiu o rebento. Uma gracinha. Uma encantadora menina. E vivia feliz a trindade.

Certa vez, em cumprimento de ordem superior, voltara á cidade, onde tivéra o seu caso. Seria breve a sua estadia; por isso viéra só.

Encontrára velho amigo que tambem o era da familia da primeira noiva e tinha conhecimento do desfecho do noivado.

Pôl-o ao corrente do facto. O velho fizéra tudo aquillo por

(Continúa na pag. seguinte)

Seara alheia

A desgraça

Apenas passou a desgraça, ficamos sob a estranha sensação de haver obedecido a uma lei eterna.

Nunca nos pertencemos mais intima e profundamente que no dia que se segue a uma catastrophe irreparavel. Parece, então que tornámos a encontrar e reconquistar uma parte desconhecida e necessaria de nosso ser, o que nos produz um singular apaziguamento.

Já ha dias e a nosso contra-gosto, emquanto podiamos sorrir ás coisas, ás flores, aos outros homens, as forças rebelladas de nossa alma vinha lutando terrivelmente ás bordas do abysmo e, agora, que nos achamos no fundo do precipicio, tudo respira livremente.

Lutam, assim, sem descanso em nossas almas, sem que possamos ver esses combates em que a nossa vontade não póde intervir, mesmo porque não abrimos os olhos senão deante das coisas sem importancia. — MAURICE MAETERLINK.

O canto do amor

Eis aqui de que consta o canto do amor.

Ha em todo o amor o amor de antanho; o rumor dos beijos dos amantes celebres; o canto mortal do cysne; o hymno victorioso que os primeiros raios do sol fizeram Memnon — o immovel — cantar; o grito das Sabinas no momento do rapto; as solicitações de amor dos felinos nas trevas; o surdo rumor das seivas que condicionam a vida das mattas tropicaes; as ondas do mar, de onde nasceu a força e a belleza; e por fim, o canto de todos os amores do mundo. — GUILHERME APOLLINAIRE.

Matizes

O desejo de amor ainda não é amor, mas nesse simples anceio já ha o medo do amor.

*

Os olhos são sempre mais ternos que o coração.

*

As mulheres vacillam sempre entre o orgulho de inspirar ciumes e o receio de supportar as consequencias, sempre cheios de aborrecimentos.

*

A piedade no amor é mais despreso que demonstração de bondade.

*

O homem conhece a vergonha de amar; a mulher só conhece a de não ser amada. — E. ROY.

ELEITA DO CORAÇÃO

(Conclusão)

ciume da filha. Não desejava que ella casasse; e fêl-a infeliz. Infeliz, porque nunca mais gostára de outro homem. As irmãs mais moças tinham casado. Era ella se conservava solteira. Era a mais bonita de todas e não lhe faltaram apaixonados.

Pelo mesmo amigo soubera a senhorinha de toda a vida de Gabato e affirmára áquelle que se arrepender de se conservar solteira, pois consoante as suas aspirações, os seus ideaes, casaria por amor. Não desejava vêl-o nunca mais. Para que? Já estava casado.

Uma vez, porem, encontraram-se.

Em companhia de uma sobrinha ia ella á missa dominical. Viu-o. Baixou os olhos. Seguiu o seu caminho.

O encontro petrificára-a, mas o coração delle ficára a galopar. Não tivéra coragem

TARDE MORTA

Num delírio de azues e de encarnados,
A tarde ha pouco exultava
Toda de roxo a orla do horizonte.
Os altos pincaros de purpura toucados,
E lá bem longe, o cabeço de um monte
Se ostentava
Em uma nevoa branca todo envolto,
O Oceano maravilhoso,
Enovelado e revolto,
Num areal se espreguiçava,
E como um Rajah poderoso
Todo de perolas se cobria
E de opalas e esmeraldas se engastava!
A orchestração sensacional das côres.
A uma deliciosa symphonia
Toda em azul,
Doirada pela pompa dos rubicores,
Seguiam-se em sons avelludados,
Os preludios de uma sonata
Em lilá de Stambul.
Súbito como uma chibata,
Sopra o vento Sul.
Livre do horizonte a fimbria roxa
E a tiras reduzindo a purpura do Occidente
A deusa cabelleira ao mar afrouxa!
Desce então sobre a encosta, os montes, os rochedos.
E os tapetes de alfombras
Os gestos mudos e os segredos
Das nevoas e das sombras
Tudo se transforma e nos exhorta;
E a noite, que sobe vagarosa,
Em denso crepe, envolve silenciosa
O quadro dessa linda tarde morta.

ALBERTO CARLOS D'ASSUMPÇÃO

(Do livro a sahir: "*Aguas fortes e aquarelas*")

O avô. — E que fareis, quando eu morrer e vos deixar?
Os netos. — E nos deixar... quanto, vovô?...

de seguil-a. E viu de longe entrar no templo a virgem dos seus sonhos.

Fogoso, continuava o coração a galopar, mas de um momento para outro começava o cérebro a reagir.

Sentira perfeitamente Gabato que os annos de ausencia não lhe haviam extinguido o amor pela adoravel creatura.

Nunca desistira por vontade propria, de um direito seu mas lembrara-se, naquelle instante, de já não ter pae a sua eleita, como si lembrára tambem de ser pae de uma linda menina que era todo o seu enlêvo e por quem daria a vida.

Com a cabeça baixa, olhos cravados no chão, passa pelo templo, põe-se a caminho de outro edificio consagrado ao culto divino e vae orar pela felicidade de alguem...

Em toda a sua vida a maior renuncia fôra aquella desistencia de seguir os passos da eleita do coração.

(Do livro inédito "*No Reino dos Corações*")

Amor á moda

De GILBERTO VEIGA

A noite estava de uma belleza, de uma magnificencia poetica, capaz de tocar as fibras do coração mais empedernido.

A lua cheia, no zimborio do céu azul, sem nuvens, grande e clara, passeiava seu fausto entre milhões de nebulosas trémulas. A terra, toda envôlta numa argentea mortalha, poetizada pela luz carinhosa e afagada por uma continua brisa perfumada, era um vasto Eden de esplendor. As ruas estavam cheias de gente que palrava, que ria contente de viver, feliz por amar.

Eu caminhava só, como de costume, immerso em meus proprios pensamentos, quando divisei, sob um caramanchel occulto por um muro de *ficus*, dois namorados ou noivos, — o que vem a ser quasi a mesma coisa, — muito juntinhos, esquecidos por completo do resto do mundo. Ao meio fio da calçada, um luxuoso automovel silencioso e obediente. O *chauffeur* dormia a bom dormir, debruçado no volante polido. Sob o perfume dos myosotis, os amorosos quasi não fallavam. Os olhos nos olhos, — presumi pelas attitudes de enlêvo que os impelliam, — as mãos nas mãos, sonhavam, talvez. A lua, indiscreta, varando com seus raios brancos as folhas do tendal, punha rendas de luz suave e branda nas faces meio veladas dos namorados. Mordeu-me uma curiosidade de mulher. Uma curiosidade irrefreavel. E, sem fazer bulha, encostei-me ao muro da vivenda rica. Pude ouvir, a despeito de sussurrarem, graças ao amôr sempre trefego e sempre lindo que os cegava, o dialogo interessante que elles travavam. Mais ou menos assim:

— Tenho muito ciume de ti! Um ciume barbaro, que me rouba o somno e a paz do espirito! E's muito formosa e os teus 17 annos põem-me numa duvida angustiosa, terrivel! Penso, continuamente, na desigualdade da distancia que nos separa...

— Não tens razão, querido, eu te asseguro. Embóra nova, como dizes, penso melhor, talvez, que muita matrona por esse mundo alem. Ademais, já devias ter comprehendido que sou uma moça creada na escola da mais elevada moral, naquella escola antiga de velhos intransigentes, incapazes da quebra de um preconceito, por mais banal que elle seja, escola essa que fez de mim a mais perfeita creação da mulher ingenua. Alem disso, o meu coração é todo teu e os meus pensamentos só a ti pertencem. Logo, não tens a minima razão de queixa, porque, quando o coração ama, dita o cerebro, e este não póde pensar em outra coisa alem do objecto amado.

— E por que insistes em não fazer-me a vontade abandonando os perniciosos chás das 5 e os banhos de mar, exposição indecorosa e despudorada de fórmas, de nudez?

— Ora, porque! Has de convir que ambas as coisas são bem interessantes, agradaveis mesmo: na primeira vê-se o ultimo figurino em moda e na outra o ultimo namorado de Mlle. X ou o ultimo amante de Mme. Z. E convenhamos que é bem divertido analyzarmos os gostos, os ridiculos e as preferencias alheias. Que melhor sal póde temperar o nosso bom humor que este de notarmos uma das nossas *elegantes* ostentando um vestido de baile num chá, como ainda hontem vi Mlle. F., ou envôlta em pelles da Siberia e luvas pretas da Russia, tendo por baixo dessas mesmas pelles um vestido fino e levissimo de crepe japonez, em os dias caniculares que correm? Que melhor vinagre temperaria a sôpa da nossa maledicencia de mulher, que vermos Mlle. G. trocar um namorado que possúe elegante *barata* por um *almofadinha* sem vintem, mas cheio de labias e calças largas? Ou contemplarmos, com um risinho de ironia ou de piedade, o industrial J. num baile de gala, todo duro na ultima casaca talhada em Londres ou Paris, ao lado de sua *muito digna* consorte, decotada quasi até a cintura e quasi coberta de diamantes e perolas, quando, no extremo do salão, numa roda de amigos, o amante, o jornalista F., fala, talvez, dos encantos da deusa *industrializada*?... Nós, as mulheres, meu caro, somos assim. Damos um infinito apreço a essas pequeninas coisas que os homens chamam de futilidades.

— São, exactamente, essas pequeninas coisas que me ralam. Uma menina com a tua idade, creada nos mais severos principios da sã e verdadeira moral, não devia, de modo algum, dar attenção e dedicar-se a observação desse caracter. O habito, minha querida, si não faz o monge, ao menos o personifica. E tu, até por uma questão de moda, por uma questão de não inferiorizar-te perante as tuas amigas, me infundes um receio que me põe arrepios na pelle, calafrios na alma. Conheci certa senhora honesta que peccou, unicamente pela influencia das suas companheiras. Metteram-na a ridiculo sómente por ter ella censurado uma mulher da alta roda social que fumava em publico. Depois o ridiculo se foi estendendo, estendendo, devagarinho, como os tentaculos do polvo, e ella — pobre senhora! — acabou fazendo tudo o que as outras faziam e até um pouco mais... Como, porém, o marido não era um desses *homens conformados* com a sorte que Deus lhe deu, meteu uma bala na cabeça do amante de *sua* mulher...

— Sim. Tudo isso é muito bonito. Toda essa arenga de moral não serve, em absoluto, de exemplo a ninguem! Alem disso, tenho certeza: essa carapuça não me cabe! Eu sou eu! Ou bem que me tens absoluta confiança e respeito, ou então, — ainda é tempo para o arrependimento, — é bem melhor desistir das intenções de fazer-me tua esposa. O teu dinheiro não me seduz. Amo-te com todas as veras da minha alma e eis tudo. Quanto ao resto, pouco ou nada se me dá. O que não posso de modo algum admittir é que me venhas pregar ser-

mões e normas de vida quando a que levo, a que os meus paes me ensinaram, é a mais ingenua e simples deste mundo.

— Escuta, filhinha, não te agastes, pelo amor de Deus, com o teu amorzinho! Vejo nos teus olhos claros e bonitos que o amor que me tens é inegualavel e capaz de todos os sacrificios. Bem sei que as tuas preferencias por logares onde não me encontro são por méra distracção espiritual. Vae onde bem ti aprouver. Brinca e zomba da vida. Porque fazes jús a ella. Eu te supplico, apenas, que não me esqueças. Eu morreria de dôr ante golpe tão profundo e cruel!

— O ultimo pedido eu o acceito incondicionalmente. Os outros, porém, mesmo que não me permittisses, eu os quebraria, porque estou na idade em que a mulher é verdadeiramente feliz e integralmente despreoccupada.

— Muito bem. Convenho com tudo que quizeras. E, retirando-me com um mundo de saudade a me encher o peito, beijo reverentemente as tuas mãos fidalgas. Estas mãos de fada que são toda a minha razão de viver, fazendo os mais ardorosos votos para que tenhas uma noite boa, e que o teu somno seja povoado de sonhos magnificos, onde eu appareça como o teu anjo-guia, o teu protector e guarda fiel.

Levantaram-se. Disfarcei. E, já na rua, á luz da illuminação publica, meus olhos viram uma coisa monstruosamente dispar: ella era uma loira rosada, de estatura mediana, cabellos anelados, bonita e elegante. Mal se viam, através do vestido de sêda, as fórmas da mulher perfeita. Os annos ainda não haviam operado o milagre da transformação completa, radical. Era uma mulher-menina, dessas que a gente tem mais desejo de contemplar que de beijar. Elle era muito alto e muito gordo, ventrudo, trajando um costume de linho branco, e no dedo minimo da mão esquerda uma enorme pedra brilhante. Cabeça coberta de neve e faces encarquilhadas. Sem o mais leve exaggero, a deduzir pelo vergado dos hombros e pelo tropegar das pernas, dei ao *romantico namorado* de 60 a 65 annos de idade.

O carro rodou rua em fóra, a *noivinha* recolheu-se, e eu reencetei o meu solitario passeio, moendo na caixa dos miolos as palavras da moça *ingenua*.

Pensei tudo haver passado. Enganára-me. Aquella noite me havia reservado esplendidas surprezas e optimo assumpto para uma chronica literaria.

Meia hora havia escoado quando, á curva da rua, uma *barata* appareceu. Párou. Buzinou. Uma buzina estranha. Convencional, pensei fitando o carro.

O movimento cessára. Eram, precisamente, 11 horas e um quarto. A lua continuava linda, linda, uma lua que convidava a idyllios, a sonhos acordados.

Subito, o portão da casa da noiva se abriu devagar, cautelosamente e por elle passou, a principio, uma cabeça preta, receiosa, prescrutadora. Depois, um corpo inteiro. Era uma creada. Approximei-me com um sorriso nos labios e, fazendo-me o mais amavel possivel, perguntei quem era aquelle velho que sahira. A negra mostrou-me uma fieira linda de dentes e, faladôra como todas as creadas, perguntou-me:

— O senhor guarda segredo?...

— Juro que sim — respondi, com a curiosidade ainda mais aguçada pelo ar de mysterio que ella deu a essa interrogação.

— E' o banqueiro, seu dr. Lemos, noivo da dona Zoraida. Arranjo dos paes della. A pobre não queria, mas como elle é muito rico e muito velho, — disse a ultima palavra piscando o olho, maliciosamente — a menina vae se casar... Mas, por favôr, não diga nada a ninguem do que eu lhe estou dizendo, e vá embóra que o moço está esperando.

— Que moço?! — perguntei ainda, num crescendo de admiração.

— O daquella baratinha. E' o namorado da senhorita. Os paes estão jogando cartas com os amigos, lá dentro. E emquanto elles se distrahem no *poque*, ella, coitadinha, se distrahe por ahi a fóra. Não é justo?...

Não respondi. Afastei-me um pouco e esperei. A creada fez um signal para o *namorado da senhorita* e o carro veiu rodando e parou no portão que dêra sahida ao banqueiro Lemos, trinta minutos antes.

Zoraida assomou entre os *ficus*, como uma nympha sobre as ondas. Vinha mais bonita ainda. Trazia um vestido levissimo, transparente, e nas faces mimosas retoques de pintura fresca.

A creada desappareceu, e ella tomou logar á esquerda do rapaz da *barata*. Era um bello typo de homem, novo e elegante. E eu, não obstante a minha maneira simples, natural, de ver, observar e analysar as coisas e a humanidade, fiquei surprezo, boquiaberto, por ouvir, da *ingenua noiva do senhor banqueiro*, este remate fulminante:

— Que pau, aquelle sujeito! Sahiu, no maximo, ha meia hora! Deus queira que já se effectue esse casamento. Só assim teremos, meu amôr, liberdade absoluta.

E, ás *minhas barbas*, sem o mais leve indicio de pudor, trocaram um beijo longo, profundo...

O motor roncou no fundo da *baratinha* elegante, impellindo-a. E eu fiquei, um instante, contemplando o fumo da descarga que se desfazia aos poucos, emquanto o carro desapparecia, lá em baixo, no fim da rua silenciosa...

NOTAS DE ARTE

SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS — Em a noite de martedia. 3.a-f., 15 de novembro, o grande feriado nacional que incorpora o resume o 21 de abril e o 7 de setembro, evocando as figuras immortaes de Tiradentes, José Bonifacio e Benjamin Constant — realizou a S. C. S., com a audição successiva do Hymno da Proclamação da Republica, de Leopoldo Miguez e do Hymno Nacional, de Francisco Manoel, o seu 192º concerto, sob a regencia do maestro Fr. Braga, sendo solista o pianista Roberto Tavares e executado o seguinte programma: R. WAGNER — *Abertura* da op. "Rienzi", e *Murmurios da Floresta*, da op. "Siegfried"; FR. BRAGA — *Marabá* (poema symphonico); SINIGAGLIA — *Danses piemontezas*, op. 31, n. 1; C. FRANCK — *Variações Symphonicas* (para piano e orchestra); CARLOS GOMES *Alvorada*, 4º acto da op. "Lo Schiavo".

A audição no mesmo sarão das duas paginas wagnerianas, mostrou quanto evolveu, quanto progrediu o mestre de Beyreuth, de Rienzi, que data de 1842 a Siegfried, que é de 1876. Que differença entre o barulho musicalizado da *Abertura* e as sonoridades musicaes de *Murmurios da Floresta!*

Marabá, apesar de antigo, deu-nos a sensação de novidade, porque nos não lembramos de a ter ouvido antes. Pareceu-nos das mais inspiradas composições do musicista patricio.

Alvorada sobresahiu entre todos os numeros. Era musica de C. Gomes; trazia o cunho do genio americano. Por mais italiana que seja a escola do maximo operista brasileiro, sente-se-lhe a brasilidade da inspiração.

Por ultimo, as *Variações Symphonicas*, que acordam nos ouvintes variadas, bellas e intensas emoções: do mais delicioso lyrismo, á mais intensa dramaticidade.

A orchestra de Fr. Braga mostrou-se em todas as execuções á altura do seu justo renome. E o pianista Roberto Tavares viveu com brilho, especialmente os trechos mais impetuosos, a obra celebre do compositor francez.

ANNA CANDIDA DE MORAES GOMIDE. — No I. N. M., em a noite de 16 de novembro, realizou-se o annunciado recital da pianista srta. Anna Candida de Moraes Gomide, 1º premio, medalha de ouro daquelle I., sendo, alem de alguns *extra*, executado este programma: I) BACH — BUSSONI — *Chaconne*; II) BEETHOVEN — 32 Variações; CHOPIN — *Nocturno*, 2 *Valsas*, *Ballada*; III) CYRIL SCOTT — *Barcarolla Egypcia*; O. LORENZO FERNANDEZ — *Tres estudos em forma de sonatina* e *Branca de Neve* (dedicado á pianista); C. DEBUSSY — *Poissons d'or*; KREISLER-RACKMANINOFF — *Liebesleid*; MUSSORGSKY — *A grande porta de Kiew*.

Concorrido e ovacionado, o recital da srta. Anna Gomide foi mais uma revelação do talento e dos estudos da pianista patricia. Em todos os numeros revelou-o, embora nos parecesse que podia ser mais intensa, mais viva, essa revelação, dado o bello temperamento artistico da recitalista. Certo houve alguns em que se patenteou na plenitude dos seus dotes, em que soube, num gráo notável, exteriorizar e transmittir a propria sensibilidade. Mas outros, si bem que correctamente executados, não nos produziram a mesma emoção. E' possivel, no emtanto, que esta impressão seja devida mais a defeito da nossa que da sensibilidade da interprete. Seja como for, applaudimos gostosamente, porque nos sensibilizaram, sem restricções, o Nocturno e a *Ballada*, Liebesleid, a maior parte das [illegible] Variações, algumas [illegible] nas da Chaconne e, interna de tudo, porque [illegible] pretada com alto [illegible] emocional, Branca de Neve.

Embora ainda alumna [illegible] pois é discipula, no curso de aperfeiçoamento, [illegible] grande professora, sra. [illegible] cia Branca Soares — a srta. Anna Gomide já [illegible] entre as nossas mais jovens musas do teclado, das mais notáveis e applaudida, e poderá figurar em futuro proximo entre as grandes pianistas brasileiras.

MARIA DE LOURDES SA' EARP. — Não mais como alumna, mas como artista que já assumir a responsabilidade de grande recital, apresentou-se no T. M. na tarde de 17 de novembro, a srta. Maria de Lourdes Sá Earp, cantando acompanhada pelo applaudido pianista [illegible] rio de Azevedo, este bello e difficil programma: I) GLUCK — O del mio dolce ardore; SCARLATTI — [illegible] signolo; JOMMELLI — Chi vuol comprar; HAENDEL — Ah mi cor; MOZART — Alleluia; II) GRANADOS — El majo discreto; BUCHARDO — El carrero; A. CARLOS GOMES JUNIOR — A flor do maracujá; A. FRANÇA — [illegible] mais; NEPOMUCENO — Amanhecer; III) BACHELET — Chère Nuit; DEBUSSY — Fantoches; CHAUSSON — Le colibri; COQUARD — Rencontre e Hai [illegible] FAURÉ — Toujours.

Esperavamos muito, mas não esperavamos tanto — foi assim que [illegible] mimos, logo após o recital a grande, a extraordinaria impressão que tivemos [illegible] vindo a joven cantora patricia.

Todas as qualidades que lhe assignalámos nas [illegible] dições de alumnas da [illegible] sra. Maria Isabel de [illegible] n'y Campello, em novembro de 1930 e junho e outubro de 1931, adquiriram agora sensivel, accentuado, notável aperfeiçoamento. Em todas as audições anteriores, embora correctas, sempre nos appareceram diamante a voz e a arte da joven estreante — agora quasi sem [illegible] em pleno fulgor [illegible] co falta para que o [illegible] manet se transforme brilhante da mais [illegible] agua [illegible]

Sem autoridade technica para dizer, julgando apenas pelas nossas emoções, parece-nos que a srta. Maria de Lourdes é irreprehensivel na emissão; seus sons graves e medios [illegible] não lhe notamos a mesma perfeição nos agudos. Obtida esta, só lhe resta a pratica do canto para que a voz adquira ainda mais belleza, mais se arredonde e avellude.

Merece especial menção o raro dom que possue

O "ATTRACTIVO FEMININO" ¿EM QUE CONSISTE?

Até o presente ninguem ha sabido esclarecel-o com exactidão, e parece que sempre terá de ser assim, pois obtem-se outras tantas definições dos encantos femininos como pares de olhos ha para vêl-os. Porem.... todo o mundo coincide em que um rosto arruinado pelos cremes, pinturas, pós e demais enfeites é coisa que de nenhum modo pode attrair. Pelo contrario, a limpida e juvenil belleza que se logra mercê da continuada applicação de boa Cera Mercolized é algo que attrae de maneira fascinadora. Esta cera, a que se applica á noite, elimina a desgastada tez exterior e com ella todas as suas imperfeições, permittindo assim a revelação da nova e encantadora cutis que toda mulher possue. Pode-se conseguir Cera Pura Mercolized nas casas que se compram artigos de toucador.

As tablettes de "Stymol" rosado, dissolvidas em agua tépida, dão uma efficacissima solução para a instantanea extirpação dos cravos.

A Cera Mercolized, é vendida no Brasil pelo preço de Rs. 12$000 *e* 7$000

cantora de emittir com arte consummada os mais bellos e emocionantes pianissimos. Esperamos que attingindo á plenitude da arte, nos compare ella os incomparaveis pianissimos de Claudia Muzio.

Outro predicado a destacar é a espontaneidade com que vive o canto, o instincto dramatico que lhe imprime na mimica da face a arte com que transmitte á dos ouvintes a propria sensibilidade. Aprimorado cada vez mais, o dom levar-lhe-á a bellos triumphos na scena lyrica.

Sem pretensões á critica, [illegible] estes commentarios da impressão excepcional que nos deixou o esplendido recital. [illegible] os numeros foram outras tantas provas do talento e da arte da joven estreante. Se todos mereceram frequentes e fartos applausos, se alguns foram bisados, devemos entretanto distinguir mais especialmente aquelles que sensibilizaram o auditorio, que mais o commoveram e fascinaram, como *Chi vuol comprar*, [illegible] *Luli*, *Toujours*, *Alleluia*, e acima de tudo *Il mio dolce ardore*, [illegible] e [illegible] onde, com as palmas e as flores, surgiram os bravos para saudarem a nova musa do canto. Nesses mais do que nos outros numeros o temperamento artistico da cantora e sua afinada sensibilidade deram inten-

Francisco Pezzi, o brilhante artista tantas vezes applaudido em nossos palcos e salões, organizou para o proximo dia 30, no theatro Municipal, a «Noite dos Embaixadores», festa litero-musical dedicada ao corpo diplomatico e em homenagem ao chefe do governo provisorio. Tomarão parte na «Noite dos Embaixadores», que terá inicio ás 21 horas, além do festejado tenor que é Francisco Pezzi, varios nomes de destaque em nossos circulos de arte e literatura. O escriptor Carlos Cavaco fará a saudação official ao chefe do governo e aos diplomatas presentes.

sa vida ao canto, que então nos pareceu mais canoro ainda. Magnifico!

Sem favor, o concerto da srta. Maria de Lourdes não foi o recital de uma estreante; foi a consagração de uma artista. Mas não convem dormir sob os louros. Como de outra não menos notavel estreante, dizemos que não supponha ter attingido o cimo, quando se acha apenas na aba da montanha. Quem possue o talento, o gosto, os raros dotes artisticos da srta. Maria de Lourdes deve aspirar e conseguir galgar um dia os mais altos cimos da arte lyrica.

HELOYSA MASTRANGIOLI. — O publico e a critica do Rio vão ter na semana proxima mais uma opportunidade de applaudir a notavel cantora e grande professora de canto sra. Heloysa Mastrangioli. No T. M. interpretará com a sua fina arte, entre outras, composições de Gluck, Brahms, Schubert, Saint-Saens.

Se não fosse uma impertinencia, ou uma heresia para os profissionaes, lembrariamos nos regalasse a recitalista com uma aria da *Carmen*. Bizet não ficaria mal ao lado de Gluck. Nem por ser moderno deixa de ser classico, o grande musico francez; pois, cada qual no seu genero, é um modelo de arte, tanto o *Orpheu* como a *Carmen*...

OSCAR D'ALVA

O SUOR DEBAIXO DOS BRAÇOS

Marca Registrada

ESTRAGA:

OS RICOS VESTIDOS

OS TERNOS FINOS

AS ROUPAS DE SEDA

USEM

MAGIC

MAGIC é o unico preparado pharmaceutico inoffensivo á saude, que supprime magicamente a transpiração das axillas, evitando assim que se estraguem os vestidos e que faz desapparecer, como por encanto, o máo cheiro caracteristico do suôr

MAGIC é uma especialidade pharmaceutica, um remedio portanto, devidamente analysado e approvado pelo Departamento Nacional de Saude Publica e o unico aconselhado, para os fins a que se destina, pelas maiores autoridades medicas do paiz, entre as quaes os senhores doutores Miguel Couto, Aloysio de Castro, Austregesilo, Werneck Machado, Terra e outros mais, que de modo algum dariam o seu apoio a um medicamento que não tivesse real valor.

MAGIC é economico. Cada vidro dá para 6 mezes — e deve ser applicado de accordo com as instrucções.

MAGIC encontra-se em todos os armarinhos, pharmacias, drogarias e perfumarias ou nos agentes geraes ARAUJO, FREITAS & CIA., rua dos Ourives n. 88 — Rio de Janeiro — Preço 7$000 — Pelo correio mais 2$000 para o porte.

FON-FON

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1932

SER CHIC

UMA das minhas amigas, a senhorinha X... (accentuemos que é uma joven de espirito, dona de uma belleza fresca, como uma madrugada de novembro) essa minha amiga tem a mania do chic. O vocabulo chic, para ella, é uma "scie" obsecadora.

Um bôlo inglez, ou outro qualquer, enfeitado de confeitos e um bello assucar colorido, é, para a minha amiga, um bôlo chic. Um cavallo de corridas, que conquistou o "grande premio", é um animal chic, — no entender da minha amiga enthusiasta... Trata-se de uma bôa marca de automovel? Não ha mais discussões: é chic. Um *bungalow* de desenhos complicados? E' chic, tambem.

Não sei si o facto de uma melindrosa lamber os dedos, numa casa de chá, quando enfia uma torrada nos labios, elegantemente comprimidos, — é, tambem, um gesto chic. Mas, ha dias, estavamos eu e ella, numa roda, no palacete de uma familia conhecida, quando entrou um almofadinha de roupas bem talhadas — de accordo com o ultimo numero do *Adam*...

A minha heroina não conteve o seu enthusiasmo. Encarou as pastinhas do rapazola. Mirou-lhe, attentamente, a largura das calças. E vibrou, radiante:

— E' chic!

— Chic? Por que? — sorri, maliciosamente.

— Pois não vê como elle está chic? Não quiz ir além. Calei-me. O moço incorporou-se á nossa roda.

E' escusado dizer que só falou de coisas futeis — cinema, *foot-ball*, danças modernas, etc.

Quando se tratou de artes, o nosso elegante commetteu "gaffes" de todos os calibres.

Balzac, para elle, era "um poeta magnifico". Chopin, "um pintor excellente". Dante, "esculptor de buril miraculoso".

Ri-me do homem, com tristeza.

Rir é ainda a melhor maneira de combater a estultice dos mortaes.

Rabelais foi, por isso, um batalhador invencivel. Foi um Napoleão do epigramma. Cervantes, com o "D. Quixote", — idem. Beaumarchais— tambem.

Emfim, quando o almofadinha da ignorancia elastica e de tanto chic — para a minha amiga — retirou-se da roda, eu falei como Zarathustra:

— Minha amiga. Ser chic é difficil. Ser chic não é somente essa exterioridade ridicula, que tanto a encanta em certos homens. Ser chic é reflectir, nos actos e nas palavras, a vida de um espirito illustre, culto, fino, sagaz... Ser chic é o cavalheiro que, com a mesma facilidade com que enverga uma casaca, sabe servir um chá perfumado, no "coin de salon" de uma "garçonnière", á sua companheira gentil, sem parecer um "garçon". Si joga o tennis, o faz com o mesmo desembaraço e elegancia com que joga as palavras de um galanteio a 1830... Ser chic é o homem que está prompto a perdoar e a dissimular os erros e os senões alheios... E' aquelle que tem sempre uma expressão de agrado, para os que lhe estão em roda, nunca falando de si, nem exaltando as suas qualidades. Ser chic é ser superior. E superior só póde ser o homem de illustração indiscutivel, de espirito aprimorado, de maneiras polidas pelo habito das idéas altas, dos pensamentos nobres e attitudes invejaveis...

E como a minha amiga sorrisse, um pouco "genée" com o discurso, rematei-o com esta citação:

— Ser chic é o que queria Theodore de Banville, ao affirmar que um cavalheiro elegante tem o dever de adivinhar o que a sua dama deseja...

— E si ella lhe pede a lua? — insinúa, ironicamente, a minha interlocutora.

Dei-lhe, breve, a resposta:

— Elle deve offerecer-lhe o astro da noite, sem demonstrar o esforço que fez para isso...

BASTOS PORTELLA

Mousseline imprimée pois verts sur fond blanc. Ruban ciré vert.

Robe de tulle noir. Ruban ciré vert à la taille. (Photos da Casa Jean Patou especiaes para FOX-FOX).

Ilha Verde

Porque nasci numa ilha cheia de mattas e de fructas,
de passaros que são deuses,
e que cantam
como si a velha alma de Orpheu
estivesse repartida em suas gargantas,
é que eu tenho o gosto allucinado da poesia
e o rito selvagem do pantheismo.

Porque venho de uma terra
toda orlada de praias e de conchas,
onde as espumas se espalham
numa ansia de conquista
e donde os olhos da gente se mergulham lá bem longe,
é que eu tenho esta vontade
de alcançar toda a belleza,
de devassar todo o infinito!

Porque pertenço a uma raça de ilhéus sonhadores,
que revelam, no sangue misturado,
a ascendencia nativa dos guaranys,
continuada

pela dos marujos conquistadores
e pela dos que tambem plasmaram a raça,
com saudade talvez das paizagens africanas,
é que eu tenho este nomadismo afflicto do pensamento
e, dentro da alma,
Como uma flor exótica num jardim igual,
esta esquisita nostalgia...

Porque venho de uma terra
que não quiz integrar-se em nenhuma outra,
num gesto rebellado de independencia,
é que sempre tenho os olhos
dilatados de enthusiasmo
quando vejo qualquer patria
ou qualquer povo
querer ser livre!

Porque nasci numa ilha cheia de mattas e de fructas,
é que você encontrou na minha arte e na minha bôcca
o sabor dos butiás
e o cheiro das trepadeiras em flor...

Porque nasci numa terra
sempre rodeada pelo abraço verde do mar,
é que eu gosto tanto

desse amor ciumento de você!

Maria de Sena Pereira Lamette

GOTTAS

Pela obra se conhece o autor, pelos seus valores se correspondem.

*

Não ha maior tormento do que viver-se em conflicto com as proprias idéas e sentimentos.

*

Quem conhece a propria fraqueza, perdôa a fraqueza alheia.

*

A mocidade arrepende-se, a velhice medita sobre os erros commettidos.

REGINA RIZIERI

Muito elegante, pelo seu cunho de fina distincção e alto brilhantismo, foi o «garden party» que se realizou nos jardins da Embaixada Portugueza, em beneficio da Casa de Santa Ignez. Além das figuras de maior destaque no «set» carioca, que tomaram parte na festa, temos a assignalar a presença da embaixatriz portugueza, mme. Nobre Mello, que patrocinou o festival e foi de um encanto inexcedivel para com os presentes. Houve um programma excellente, executado por varios elementos da nossa «élite» e do mundo artistico carioca, que apparecem nos dois grupos desta pagina.

Processos sentimentaes

HA mulheres que podem ser classificadas em duas categorias distinctas: as que amam, atravez de cartas apaixonadas, e as que amam sem nunca as escrever.

As primeiras se utilizam do processo indirecto. As ultimas, do directo.

Umas amam o producto da propria fantasia. Outras, o que os olhos viram e a fantasia não creára.

As que escrevem missivas não se parecem, de todo, com as "desencantadas" de Loti, — aquellas que escreviam cartas ao escriptor André Lhéry — porque não são prisioneiras de serralhos ottomanos.

Senão — como seriam eguaes!

Entretanto, convenhamos em que as primeiras — as das epistolas se prestam a uma caricatura de um ridiculo magistral.

São creaturas 1830. Sonhadoras. Romanticas. Typo vida-domestica, — em summa, "vieux style". Amam "princes charmants", como na ficção de Perrault, ou antes, adoram fantasmas de homens, bonitos, é verdade, mas, impalpaveis, intangiveis, imaginarios como os que povoam os livros de Leon Dénis e Allan Kardec.

Usam tranças. Coque. Camisola de dormir.

A' noite, mettidas nestas, enfiam-se debaixo do lençol. Apagam a luz do "abat-jour", — e sonham.

Sonham com que? Com um determinado cavalheiro, que ellas admiram e esperam com impaciencia.

Geralmente é um poeta, cujos versos decoram e declamam. Si não é poeta, é "conteur", é novellista, ou representante de qualquer ramo de arte: — pintor, esculptor, compositor, musicista... Basta? Creio bem que sim.

Ellas sonham mil maravilhas... Coisas mirabolantes...

Sonham que os cavalheiros são principes encantados. Mas, si chegam a conhecel-os, e elles lhes agradam, mesmo sem o principado e os meritos que lhes attribuem, não quebram o seu anonymato.

Por que? Umas, revelam, deste modo, um conhecimento completo das manobras mais difficeis do amôr... E' uma tactica. E são as desilludidas, as scepticas, as sonhadoras, as "incomprehendidas"... As que não querem casar, e só desejam o amor platonico dos homens "espirituaes"...

As que não escrevem cartas são creaturas saudaveis, alegres, modernas e, sobretudo, decididas, nas suas attitudes.

Lêem tudo que lhes cáe nas mãos. Vão da santidade do "Flos Sanctorum" aos cynismos de Pitigrilli, de Dekobra, de Victor Margueritte ou de Clemant Vautel.

Ao contrario das primeiras, não seguem, por caminhos difficeis, sinuosos, com o intuito de chegar ao coração dos seus "princes charmants".

Preferem os caminhos directos e breves do telephone realista.

— Allô? Quem fala?

— Sou eu, X...

— E' o escriptor X...?

— Sim.

— Sou sua admiradora e desejo muito conhecêl-o, pessoalmente...

— Oh! A seu inteiro dispôr. Quando me dará esse prazer?

— Hoje, á tarde, na Cinelandia, etc., etc...

* * *

Francamente. Ao romantismo serodio, hypocrita, esterilisante das que escrevem cartas insipidas, anteponho, com delicioso espirito de hostilidade, a desenvoltura, a graça, o "charme", a franqueza camarada das creaturas modernas, que vão pelas linhas rectas e breves do telephone realista...

YVES

Lêda Maria, galante filhinha do casal Luiz Nunes Pires-d. Julieta Nunes Pires, depois de comparecer, pela primeira vez, á mesa eucharistica, tirou esta photographia para documentar o seu dia feliz.

GUSTAVO BARROSO VOLTA Á DIRECÇÃO DO

UM acto de elevado e nobre espirito de justiça, emanado do Governo provisorio da Republica, acaba de ter grata repercussão nos altos circulos intellectuaes do Paiz e, muito especialmente, nesta casa, onde os collegas e amigos de Gustavo Barroso muito se alegraram com a sua reintegração no cargo de director do Museu Historico Nacional. Afastado deste alto posto, que occupou e sempre honrou desde a fundação daquelle instituto até outubro de 1930, Gustavo Barroso reempossou-se, ha poucos dias, no mesmo,

MUSEU HISTORICO NACIONAL

logo após o gesto da mais nobre e legitima reparação que envolve o acto do presidente da Republica, investindo-o, novamente, no exercicio daquella honrosa funcção publica.

Legitima-se, assim, sobradamente, o ambiente de justificado jubilo e carinhosa expansão com que os seus companheiros do FON-FON acolheram o collega e o amigo, por occasião de sua recente nomeação, ao mesmo tempo que homenageavam o escriptor consagrado e illustre presidente da Academia Brasileira de Letras.

O professor Juliano Moreira recebeu, por occasião da passagem do anniversario da Sociedade de Neurologia, fundada pelo eminente mestre da psychiatria brasileira que é, tambem, seu presidente perpetuo, expressivas homenagens promovidas pela nova directoria da mesma Sociedade. Essas homenagens constaram de um almoço, no Jockey Club, e uma solennidade no salão de honra do Hospital Nacional de Alienados.

UMA NOTICIA DE JORNAL :--: Por Mario Sette

O automovel largára da cidade debaixo da soalheira de uma tarde magnifica.

Iam no carro o delegado, o medico e um photographo. Todos da policia.

Tinham de vencer tres legoas e, como a estrada não fôsse grande coisa, o carro avançava apalpando os catabis. Trechos de velameiros, de lagêdos, de descampados. Rodeios de serras. Ladeiras maltratadas. Porteiras de sitios.

Uma passagem angustiada entre duas altas pedras a prumo e num minguado planalto a povoação. Lugarejo mesquinho, incolor, árido, como que engasgado na guella das montanhas.

Parando o Ford defronte da capella, olhos espantados miravam-no de longe. Espanto que não era somente por causa dos estranhos. Nem por causa do automóvel. Espanto deante da policia. As praças do destacamento já esperavam o delegado.

— Vamos para lá...
— Tudo prompto?
— 'Inhor sim.

Um kilometro mais, para o lado do riacho, e estacaram de novo junto de uma arvore isolada, singular, arisca. Dois homens de enxadas nas mãos e um rapazinho muito amarello, num mixto de estupor e de receio. Saltaram todos. Ninguém falava. Apenas a autoridade déra uma ordem. E, num ponto indicado pelo rapazola, começaram a cavar o chão...

A terra ia se empilhando ao lado; o buraco crescendo.

Até que descobriram alguma coisa. Todos se debruçaram.

Puxou-se para fôra o que quer que fôsse. Um sacco de estopa, meio rôto. Rasgou-se mais: um craneo, tibias, costellas...

O medico verificou que a caixa craneana estava fendida:

— Uma pancada horrivel!

Trazido para perto do esqueleto, o rapazinho reconhecêra tudo.

Um frangalho de calça de brim.

— Era de pae, inhor sim.

Tremia. E soluçou.

A autoridade esperou que serenasse a crise nervosa da creança. Para disfarçar, o medico examinava melhor uma canella. Um dos exhumadores limpava a testa com a mangua da camisa de malha.

Agora, o rapazinho, mais calmo, repetia deante do delegado a historia que contára na vespera ao commandante do destacamento.

Mario Sette, o conhecido e apreciado escriptor pernambucano, que FON-FON se honra de contar entre seus amigos mais queridos e seus mais brilhantes collaboradores, acaba de ser distinguido, pelo governo provisorio, com a nomeação de director regional dos Correios e Telegraphos no Estado de Alagoas, onde já se encontra o illustre autor de «Senhora de Engenho». Essa noticia vae, certamente, encher de jubilo os amigos de Mario Sette, que são todos quantos lhe admiram o espirito scintillante e o coração leal. E, no alto posto para que foi designado, Mario Sette ha de saber conduzir-se com a mesma intelligencia e o mesmo critério que têm norteado a sua vida de funccionario sempre dignamente cioso das suas responsabilidades.

O pae, Emiliano Tinhorão, morava naquelle povoado havia muitos annos. Vivia de mascatear fazendas, miudezas, artigos baratos. Tinha apenas aquelle filho que a "molestia dos ratos" lhe deixára quando matou a mulher e uma filha. Certa vez, num mez de São João, Emiliano estivéra com o seu bahú de mercadorias em casa do major Soromenho, o chefe politico da terra. E ali lhe compraram coisas no valor de quasi 200$000, pagando-lhe com uma cedula desse valor. Contente do negocio feito, foi á venda de "seu" Chiquinho adquirir uns generos para a semana. E a cedula de 200$000 não poude ser acceita, porque era falsa... Já não seria a primeira a apparecer na cidade, uns tempos para cá... Voltou o mascate ao major. Pediu, reclamou, com timidez e respeito. Um berro, como resposta. Uma ameaça. Succumbido, humilhado, diante da situação difficil, sem dinheiro, sem mercadorias, Emiliano disse a alguem que estava com vontade de «procurar o chefe de policia» na capital.

Fez uma pausa o rapazinho. Batiam-lhe as carotidas. Estava ainda mais amarello. E os olhos cheios d'agua.

Numa noitinha, agarraram o pae, em casa, e levaram-no para a beira do riacho, para ali mesmo. "nesse canto". Elle foi atraz, sem ser visto. Maldando alguma judiaria. Tres homens. Tiraram a camisa... E o cipó trabalhou... Emiliano pedia, supplicava, gemia... E nada! Quando ficavam cançados, molhavam as costas do pobre e dali a pouco tôca a surrar de novo... O sangue corria tanto, que mesmo no escuro se via... Quando o mascate cahira sem forças, um dos malvados déra-lhe uma pancada na cabeça, tão grande, que até chegou a tinir... Depois, ainda estremecendo, o sacco, a cova...

Quasi tres annos, o filho andára por longe, feito maluco, com medo de falar. Mas agora, que "seu" major morrêra, elle contára tudinho.

Juntavam-se os ossos para o corpo de delicto. O delegado tomára umas notas. Eu batera umas chapas. E o automovel voltou á cidade.

Lembrei-me dessa historia que me contaram ha uns vinte annos atraz, por haver lido hoje num jornal do interior esta noticia:

"Acaba de ser dado o nome do major [illegible] Soromenho a uma das novas avenidas da cidade. E' uma homenagem de todo merecida. Aquelle que foi nesta terra um modelo de honestidade, de trabalho e de coração".

Chermont de Britto, romancista laureado pela Academia Brasileira de Letras e figura suggestiva do nosso mundo intellectual, publicou, este anno, «A alegria do peccado», romance que alcançou, em poucos dias, um expressivo êxito de livraria. Noticia-se, agora, o apparecimento da segunda edição do último livro do conhecido novellista de «Eva triumphante» e «A escalada», e Chermont de Britto irá, com certeza, cobrir-se de novos loiros, que assignalarão mais uma victoria literaria desse autor festejado, cujo nome envolve uma brilhante sensibilidade de artista fascinado pelas paizagens interiores.

Os bacharelandos de 1932 da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro escolheram o dia 19 do corrente para a sua festa de formatura, que se desdobrou em varias solemnidades, iniciadas com a missa celebrada pela manhã, na igreja da Candelaria, onde foi tomado o grupo de cima.

Ao centro: O dr. Alceu Marinho Rego pertence á turma de 1932 da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e ali fez um curso brilhante, no qual se distinguiu pela intelligencia e pelo amor ao estudo.

GOTTAS

Para ser alegre comece por tomar uma attitude alegre.

* *

São sempre bôas as attitudes positivas.

* *

A velhice traz uma vantagem: a sabedoria.

Regina Riziere

A cerimonia da collação de grão dos novos bachareis realizou-se no theatro João Caetano, sabbado á tarde, sob a presidencia do reitor da Universidade do Rio de Janeiro e com a presença de outras altas autoridades, como documenta o «cliché» abaixo.

AS CONFERENCIAS DE DR. GRABOWSKI, MINISTRO DA POLONIA

AS conferencias que o ministro da Polonia, dr. Tadeu Grabowski, realizou, a convite dos cursos de Extensão Universitaria, na Escola Polytechnica, em 14 e 11 do corrente, constituiram um verdadeiro acontecimento nos meios culturaes do Rio.

Sua excellencia, que foi professor de philologia na Universidade de Cracovia, tem todos os requisitos de um eximio docente: logica na construcção, clareza na exposição, simplicidade e elegancia de linguagem pontilhada de chiste e graça. O assumpto, desenvolvido em duas vezes, era completamente novo para nós. A primeira parte abrangeu «A Slavia antiga», ou a prehistoria do blôco slavo na Europa; a segunda, «A Slavia Occidental», isto é, a historia das nações slavas localizadas a oeste: Polabios e Pomeranios, hoje extinctos; Lusacianos em via de se diluirem no mar germanico; Tchecos e Slovacos, renascidos depois da guerra na Republica Tchecoslovaca, e, finalmente, a Polonia, cuja gloria passada, eclypsada por mais de um século de captiveiro, parece entrar novamente numa phase de esplendor com a reconstituição do Estado Livre da Polonia.

As conferencias foram completadas por uma serie de projecções de primitivos mappas, objectos de arte dos

Dr. Tadeu Grabowski, ministro da Polonia.

antigos slavos, monumentos historicos e modernos, illustrações de costumes e typos regionaes, heróes nacionaes etc. Quando na tela surgiu a figura do marechal Pilsudski, o grande leader da independencia e o constructor da Nova Polonia, a assistencia prorompeu em calorosos applausos, prestando assim uma expontanea homenagem ao grande cidadão, symbolo dos esforços, das realizações e das esperanças da Polonia Resurrecta que justamente nessa data festejava o 14º anniversario de sua independencia.

O illustre orador, que discorreu sobre tão interessante thema em portuguez corrente, teve para escutal-o, apreciál-o e applaudil-o um selecto auditorio, entre o qual se destacavam representantes do ministro do Exterior, do corpo diplomatico, da imprensa, dos meios intellectuaes, da colonia polloneza e do seu carioca.

Bem inspirada andou a directoria dos cursos de Extensão Universitaria proporcionando aos estudiosos horas tão interessantes como as passadas ao ouvir este erudito mestre e agradavel orador.

Violeta de Alcantara Carreira é uma paulista de Lisbôa, ou uma lisboêta de S. Paulo... Não sabemos ao certo. Filha do jornalista portuguez Alcantara Carreira e duma senhora de distinctissima familia paulistana, veiu recentemente para o Brasil. Assim Portugal a devolveu ou a deu ao nosso paiz, em plena eclosão da mocidade, da formosura e do talento. E do talento, sim, como se verá por estes seus versos, esbeltos, espirituosos, luminosos como a sua pessôa.

GALANTEIO

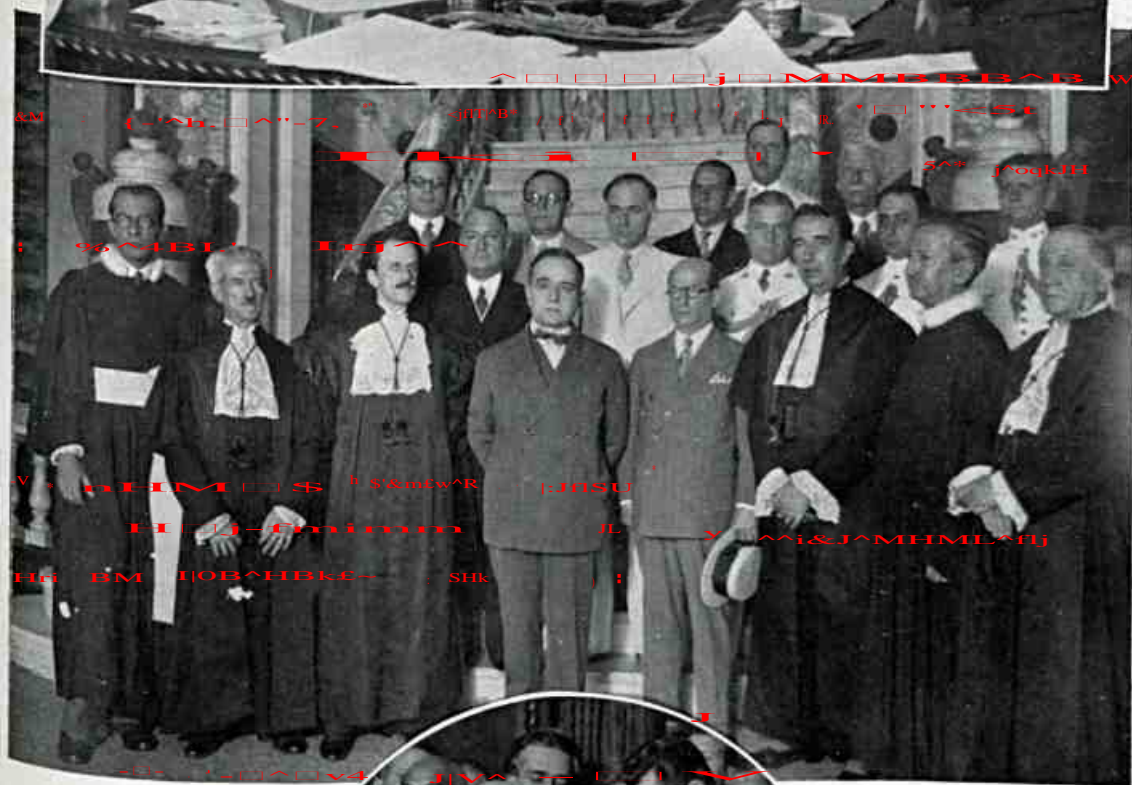
Eu não gostei do que me disse
hontem. Achei-o tão banal,
que não admira que me risse
Commigo cipia que é tolice
tomar um ar sentimental.

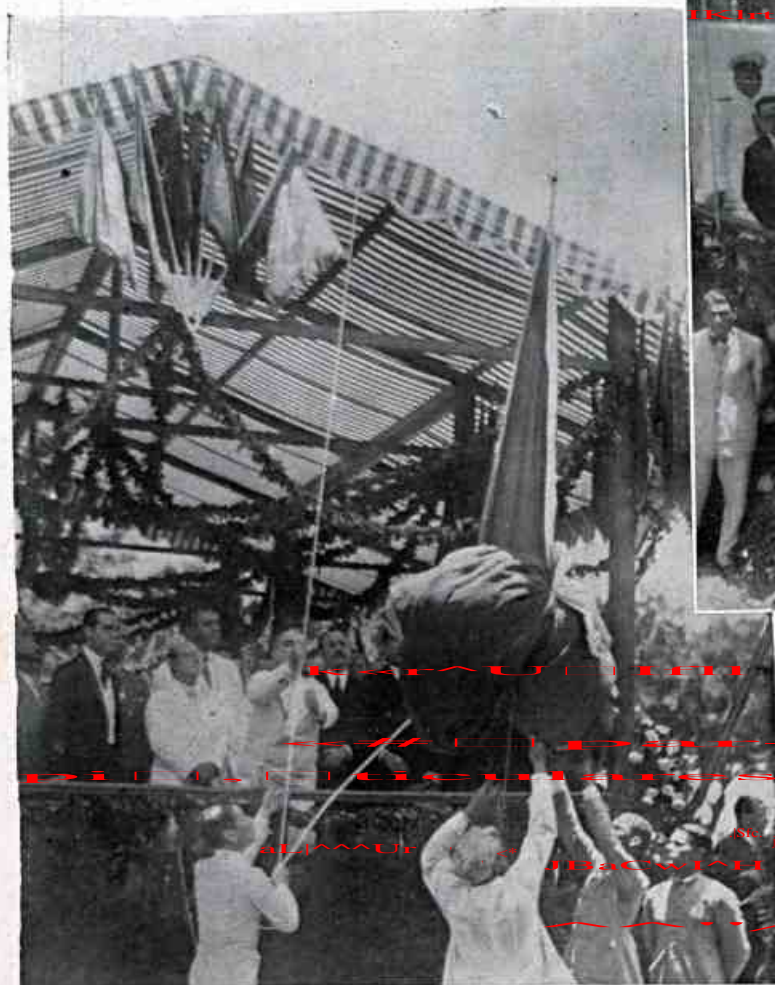
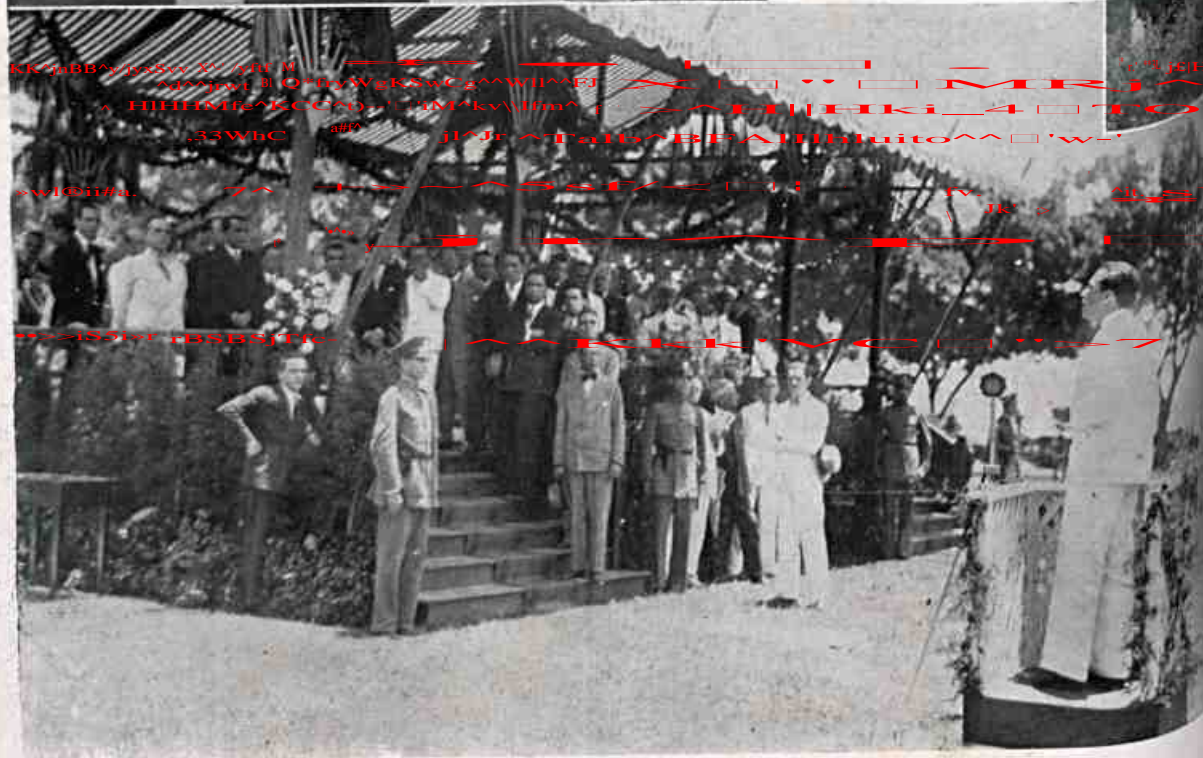
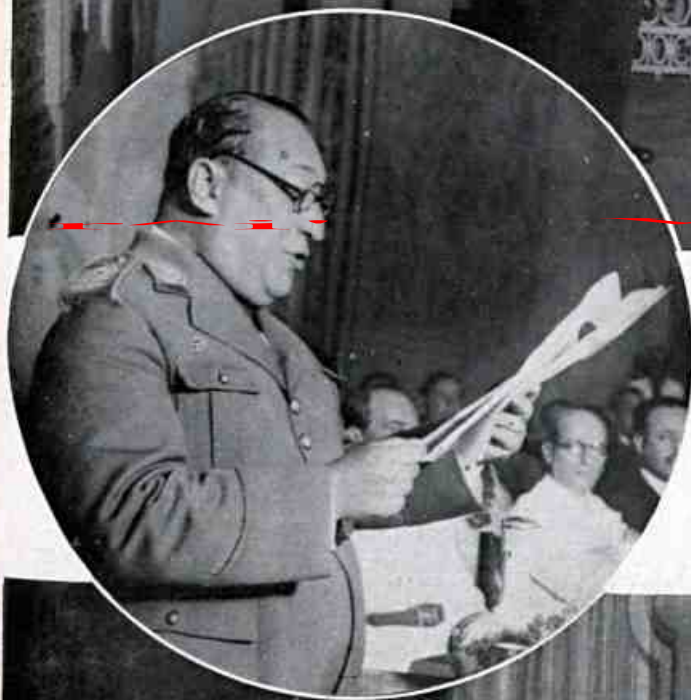
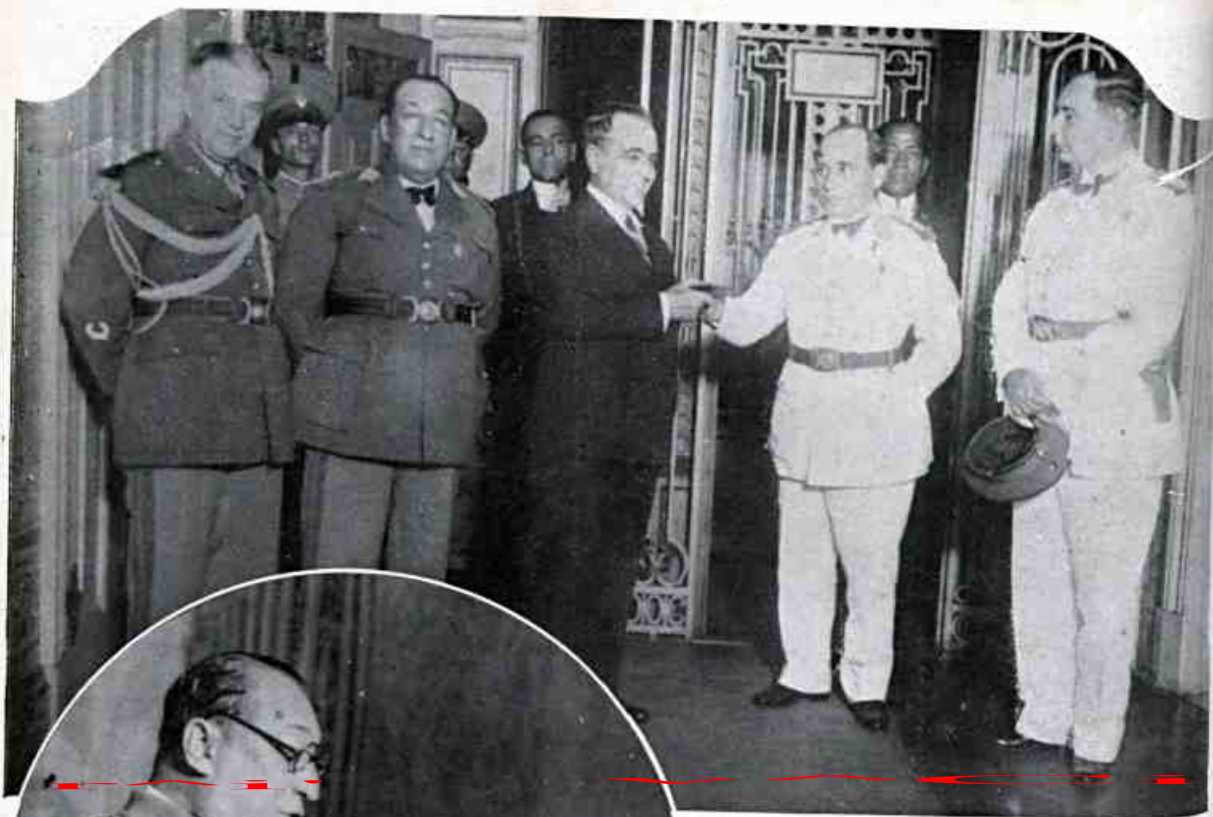
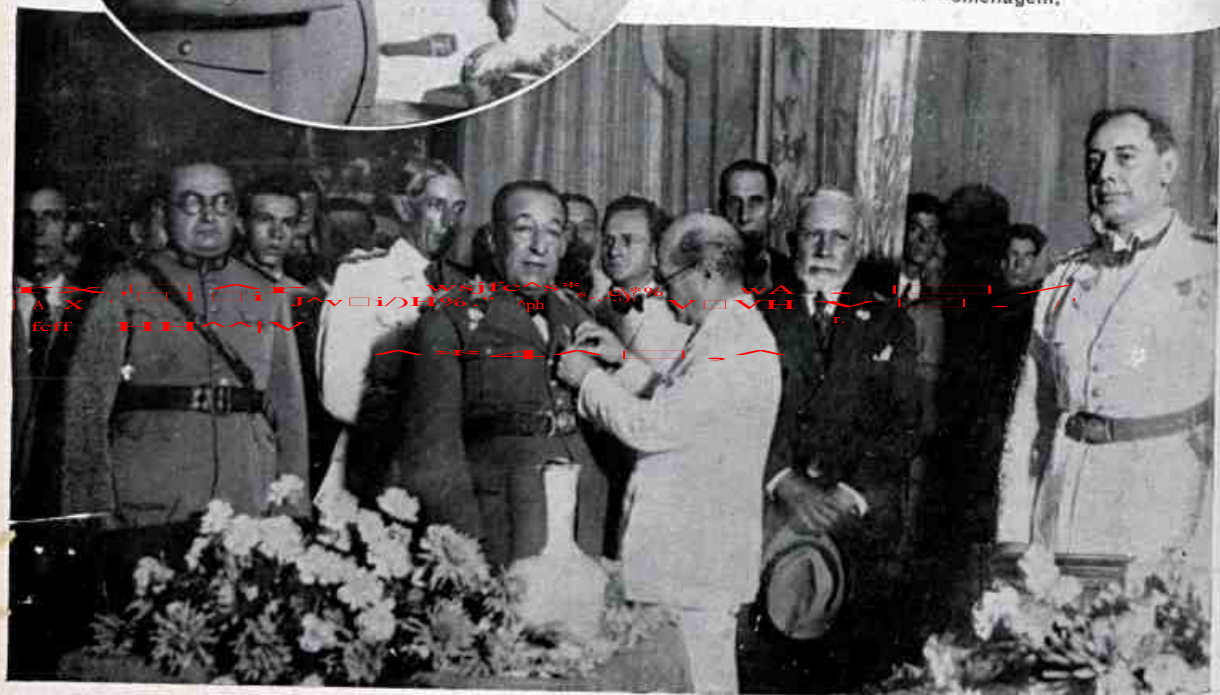
querer fazer do seu "béguin"
uma paixão desesperada!
Ora imagine que amanhã
eu me zangava "carrement"
e você tinha — que massada! —

para não ser incoherente
de, uma semana pelo menos,
fingir soffrer horrivelmente
e declarar a toda a gente:
— Oh! As mulheres, que venenos!

Não é preciso exagerar,
não é assim que me interessa.
Vamos andando devagar
que é a maneira de chegar
— dizem os sábios — mais depressa.

Não me repita o que me disse,
não fale mais como falou!
Si não queria que me risse
dissesse — em vez de uma tolice —
um galanteio comme il faut...

VIOLETA DE ALCANTARA CARREIRA

O chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, e o ministro da Justiça, dr. Antunes Maciel Júnior, foram, quarta-feira penultima, ao Palacio Tiradentes, para se qualificar como eleitores, sendo ali recebidos pelo presidente e demais membros do Tribunal Regional Eleitoral, que prestaram significativas homenagens a ss. excias. O nosso «cliché» focaliza aspectos do recinto do Tribunal Regional Eleitoral, durante a visita dos drs. Getulio Vargas e Antunes Maciel Júnior, vendo-se o chefe do governo provisorio e o ministro da Justiça ao serem identificados e entre os magistrados do Tribunal.

O DIA DA BANDEIRA e a commemoração civica da Praia do Russell

O Dia da Bandeira teve, este anno, como nos anteriores, as mais expressivas commemorações, levadas a effeito por associações e instituições publicas e particulares. Destacou-se, entre todas, a que se realizou na praia do Russell, sob os auspicios da Prefeitura do Districto Federal, e que teve o comparecimento do chefe do governo provisorio, ministros de Estado e demais autoridades federaes e municipaes. A nossa pagina focaliza os principaes flagrantes da solennidade civica de 19 do corrente. O dr. Getulio Vargas hasteando o Pavilhão Nacional e ouvindo o discurso do orador official, professor Paulo Carneiro. A tribuna das altas autoridades. E as crianças das escolas municipaes que entoaram hymnos patrioticos sob a regencia dos maestros Francisco Braga e Villa-Lobos.

O general Waldomiro Castilho de Lima, governador militar de S. Paulo e commandante da segunda região, foi, sabbado á noite, homenageado nesta capital com uma sessão civica promovida por um grupo de amigos e admiradores do ex-commandante do Exercito do Sul. No theatro Municipal, perante grande assistencia, na qual figuravam o chefe do governo provisorio e outras altas autoridades, foi, então, entregue ao general Waldomiro Lima uma medalha de ouro massiço com a effigie do governador militar de São Paulo e tendo no verso expressiva inscripção. Esta pagina fixa varios detalhes da solennidade, vendo-se, no medalhão, o general Waldomiro quando agradecia a homenagem.

No Cinema Broadway, foi exhibido, sabbado ultimo, em cessão especial, o film «A Viagem Maravilhosa», interessante pellicula que fixa os aspectos e episodios mais suggestivos do Cruzeiro Turistico-Economico promovido pelo Touring Club do Brasil e realizado, em junho ultimo, no «Almirante Jaceguay», do Lloyd Brasileiro. Alli estiveram o ministro Salgado Filho, o dr. Mario Carneiro, encarregado do expediente do Ministerio da Agricultura, o dr. Octavio Guinle, presidente do Touring Club do Brasil; o dr. Benilo Neves, director de publicidade dessa grande instituição, jornalistas e figuras de destaque em nossa sociedade. O «cliché» acima focaliza um grupo de pessôas que assistiram á exhibição do film «A Viagem Maravilhosa».

As professoras que compõem a primeira turma do Instituto de Educação, e que acabam de concluir o respectivo curso, collaram grão, solennemente, quinta-feira penultima, no auditorio daquelle estabelecimento, em brilhante festa presidida pelo director da Instrucção Municipal, dr. Anysio Teixeira. Pela manhã daquelle dia, as novas educadoras mandaram celebrar missa em acção de graças, na igreja da Candelaria, onde foi tomada a photographia do alto. A outra é um grupo das professoras de 1932, no Instituto de Educação, durante a cerimonia da collação de grão.

TILEIAÇÕES

Lu Marival, a linda «estrella» do cinema brasileiro, nome bem querido dos «fans» de todo o paiz, que tomou parte, com successo, na festa da Casa dos Artistas, realizada no theatro Carlos Gomes, dizendo versos de Paulo de Magalhães.

BEGUIN antigo foi sempre uma coisa muito séria. Vae para mais de dez annos, quando viviam juntos, em plena communhão de affecto. Ella era uma figurinha nervosa, esguia, tánagra encantadora que despertava a attenção dos transeuntes. Elle, um guapo rapaz, fino de maneiras, intelligencia brilhante, bohemio.

Entenderam-se maravilhosamente no primeiro encontro, e renovaram esse encanto durante mezes, fazendo da vida um largo sorriso de alegria. Mas... Na vida ha sempre um fatal *mas*. Um dia, por qualquer circumstancia inexplicavel, cada qual marchou para o seu lado.

Elle esqueceu a vida fútil, tornandose um homem útil á sociedade.

Ella se retrahiu, arranjou marido, desappareceu do Rio. Agora, quando tudo parecia acabado, viram-se, ao acaso, numa sala de cinema. O rapaz trazia a esposa ao lado, ella se fazia acompanhar do marido. Alli era impossivel trocar palavra, mas a linguagem dos olhos é mais eloquente...

Depois, elle tem fugido della, mas esta não se confórma com a situação, procurando meios e modos para renovar a felicidade que passou. Vamos vêr si o nosso heróe tem forças para resistir ao cerco até o fim. Velho beguin é sempre um caso perigoso, que é preciso evitar...

O illustre prosador anda devéras atrapalhado para fugir da tentação que o persegue. A interessante e viva menina bem sabe que o alvo da sua sympathia é casado, mas nem assim desiste... Onde elle está, ella apparece, como sombra viva collada ao seu corpo. E' uma novidade! E, quando elle é apanhado de geito, então a menina extravassa toda a poesia que lhe vae nalma, enaltecendo, ao ouvido do rapaz, os melhores trechos da sua prosa romantica, num trabalho de catechese lenta, porém, efficaz...

Belizama, filhinha do coronel José Pinto de Abreu, prefeito de Goyanna, importante cidade de Pernambuco.

Que vae resultar de tudo isso?... Não podemos prever, porque o amor platonico já foi banido da terra.

Talvez um dia, deante da impossibilidade da realização do seu desejo, a menina esqueça os trechos de prosa que sabe de cór...

Então, outro mais feliz substituirá o escriptor, para uma vida mais longa, sem fim... Nós ahi colheremos o assumpto, para uma tragedia moderna.

O conhecido medico, que já teve sua evidencia e é figura destacada da classe, parece que vae perdendo o juizo, á medida que os annos passam. O outro dia, numa luminosa manhã de verão, em plena rua, jogava uma scena de cinema com uma garota morena, sem ligar importancia aos espectadores, que eram quantos se dirigiam para o trabalho, nos omnibus velózes.

Pois, lá em frente ao Casino, estava o esculapio junto á amurada do cáes, fazendo em pedaços uma carta, ao lado da pequena, que sorria muito contente vendo o papel cahir no mar...

Estariam sepultando algum segredo?... Parecia...

Encostado ao meio fio, aguardava-os um *taxi* de praça. O *chauffeur*, com o rabinho do olho, piscava a marósca, philosophando naturalmente, acerca das coisas da vida...

Nós registramos o facto, afim de trazêl-o para esta columna onde a bisbilhotice alheia fareja os escandalos da cidade.

Estava certo... Apenas o medico já não tem idade para entreter garotas que abrem os olhos para os mysterios da vida.

A fita devia ter outro encanto, si no lugar do conhecido esculapio estivesse um almofadinha.

O scenario assim exigia...

Mlle. Arlette Olessowa, alumna da Escola de Bailados do theatro Municipal, numa suggestiva «pose» da sua arte.

Alcançou grande êxito a Exposição Canina Internacional promovida domingo passado, no local da Feira de Amostras, pelo Brasil Kennel Club, para commemorar o 10.º anniversario de sua fundação. O dr. Lourival Fontes e toda a directoria do Brasil Kennel Club não mediram esforços para que o certamen apresentasse as mais apreciadas raças de cães, offerecendo um resultado digno dos maiores louvores. Estão aqui tres aspectos da exposição canina do ultimo domingo.

DA CARTEIRA DE UM SCÈPTICO

Trago no meu destino a gargalhada
d'uma caveira estranhamente a rir.
Venho do nada e vôlto para o nada,
ninho de fumo, carnes de fakir.

Esta vida, nas dôres burilada,
qual um rubi myrifico de Ophir,
é sequencia de quéda e de escalada:
subir... descer... subir... descer... subir...

Por isso, quando o sêr, que me suppórta,
voltar, nas ansias da matéria morta,
ao chão sombrio da ultima illusão,

— a minha vóz ha de correr os mundos
nas regadas dos ventos iracundos,
gemendo a minha eterna maldição!

OTTO FLORIANO

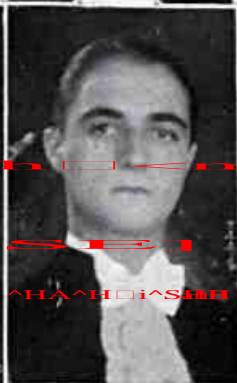
Promovido pela senhorita Yolanda França e um grupo de amigas, realizou-se, no palacete da rua Hadock Lobo, 135, na semana passada, um lindo baile, que decorreu num ambiente de grande brilho mundano e animação.

OS MEDICOS DE 1932

(Galeria Irmãos De los Rios)

Dr. Michel Mimessi — Dr. Rubens Furquim

Dr. Alberto Hammerli. — Dr. Luiz Valente de Oliveira.

Dr. Leoncio de S. Queiroz. — Dr. Roberto Machado Rezende. — Dr. José Carvalho Ferreira.

EVOCAÇÃO

... E tua saudade dolorosa, ó branca monja do meu passado!, nestes dias de luto, vem rezar, apaixonada e e fria, o passado evangelho do teu nome suave. E eu tenho, na lembrança dos meus olhos tristes, a sombra dos teus cabellos que eram de ouro, longos como os raios, de sol e sinto ainda nos ouvidos encantados, a musica sublime da tua vóz, subtil e doce da tua voz que me cantou um dia o poema dos meus primeiros sonhos e me fez verter em versos as lagrimas da grande saudade que me angustia... Mas a vida era tão má! E foi tão curta a nossa historia! Ora, tinha de ser, falvez... Eras tão bôa, tão branca, eras tão bôa... Ora, tinha de ser, era impossivel... Depois, vestiram-te de branco, tudo branco. Impressionantemente branco, e cruzaram as tuas mãos nevadas como dois lyrios mortos abraçados. Em tua fronte collocaram flores de laranjeira. Na cabeceira, o Christo crucificado chorava no seu olhar fixo de martyr. E os cirios ardiam nos quatro cantos do teu esquife de estrellas. Partiste. Fecharam-te, depois, num tumulo de mármore, á sombra dos cyprestes. E, por isso, agora nestas tardes de tua saudade, alva garça do meu passado, nestas tardes de luto, baixa devagarinho lá do céo para rezar commigo a evocação branca do teu nome suave.

ADOLPHO TOBIAS

Photographias tomadas na séde do Gremio Floriano Peixoto por occasião da posse da nova directoria dessa sociedade e da sessão civica commemorativa da data da Republica, quando foi inaugurado o retrato de Benjamin Constant, offerecido ao Gremio pelo dr. Manoel de Miranda.

Installado a 15 do corrente, no edificio da antiga Camara dos Deputados, encerrou seus trabalhos esta semana o Primeiro Congresso Revolucionario do Brasil, realizado sob os auspicios da Legião Civica 5 de Julho e no qual tomaram parte todos os «leaders» revolucionarios. Offerecemos, aqui, dois flagrantes de uma das sessões do Congresso, vendo-se á mesa da presidencia o interventor Pedro Ernesto.

Ao dr. Gratuliano de Britto, interventor federal da Parahyba, actualmente nesta capital, foi offerecido sabbado ultimo, no Palace Hotel, um almoço em que tomaram parte muitos amigos e admiradores do joven politico do norte.

Na vespera de sua partida para S. Paulo, aonde foi assumir a direcção dos Diarios Associados, o nosso brilhante confrade Mario Magalhães foi expressivamente homenageado nesta capital pelo pessoal da redacção do «Diario da Noite», que lhe offereceu um «cock-tail», no Alhambra. E' um aspecto dessa festa de jornalistas o que representa o «cliché», no qual se vê Mario Magalhães entre seus collegas.

ECOS DA REVOLUÇÃO PAULISTA

Grupo de estudantes alagoanos que serviram no 1.º Batalhão Provisorio de Alagôas, sob o commando do dr. João Palmeira, commissionado no posto de primeiro tenente, tendo tomado parte no combate travado no morro de Gravy, em Itapira, no sector do general Jorge Pinheiro. No medalhão: os sargentos Aécio de Menezes e Adriano Saboya, do 23.º B. C., do Ceará, acampados nos arredores de Pindamonhangaba.

FON-FON no cinema

SERVIÇO SECRETO

COM

BRIGITTE HELM E WILLY FRITSCH

Um film da «UFA»

1916. Plena guerra, e a Russia ainda enfrentando a Allemanha com exercitos poderosos. Premida de todos os lados, a Allemanha precisava saber o que pretendia fazer a Russia, esperando a todo o momento uma offensiva geral. Foi por isso que Thomas Hagen seguiu para São Petersburgo (hoje Leningrado). Tomou o nome e a nacionalidade de Thomas Higgins, violinista concertista norte-americano. Alguem o esperava lá, para ajudal-o e — coisa espantosa! — esse alguem era um auxiliar da policia!

Thomaz tem o seu plano — e será com a sua personalidade insinuante, sua arte de musico, sua elegancia, que elle conquistará o que deseja. Valer-se-á das filhas e esposas dos officiaes generaes. Foi quando o auxiliar o preveniu de que a esposa do general Lanskoi era allemã! Foi-lhe apresentado e se viu convidado para uma festa em casa della, quando veiu a saber da reunião, dentro de tres dias, de generaes que se encontrariam alli. Thomas faz desastradamente tombar um *abat-jour* que no dia seguinte é restituido ao palacio Lanskoi, concertado, mas tendo em seu bojo um microphone que está ligado a uma loja de relojoeiro, alli perto, e que funcciona quando é ligada a luz. Mme. Lanskoi agora está ao par de tudo. E' á sua alma allemã que Thomas fala, e ella, que já se deixára arrastar pelo seu todo insinuante, concorda em ajudál-o.

Thomas ouve parte da conferencia de generaes, em que se combina a offensiva russa — mas succede que parte da conversa lhe escapou, attendendo a que foi apagada a luz electrica, afim de ser examinado um mappa

O falso violinista a serviço de espionagem.

Ella sabia do segredo e acompanhava-o na vereda da vida.

Procurando despertar-lhe os sentimentos patrioticos.

que só a uma luz propria artificial deixava ver os seus detalhes sobre o local onde ia ser depositada a munição. Mas foi lavrado disso um relatorio e agora Thomas quer que Mme. Lanskoi o consiga; mas eis que ella foi surprehendida pelo esposo e teve de passar ao espião, no dia seguinte, um falso relatorio que elle vae pôr ao correio, quando é preso. Mas, auxiliado, consegue fugir, embora ferido.

Parecia tudo acabado, quando o microphone funccionou mais uma vez! Era o general dando ordens para a offensiva, a ser realizada em dia marcado com indicação do local de remuniciamento... E foi Mme. Lanskoi, expulsa de casa pelo seu marido, quem levou a communicação a Thomas, na Suecia. E a Allemanha teve tempo de enviar uma esquadrilha aérea que destruiu aquelle porto, desorganizando assim a offensiva projectada.

Dercorffian.

A ATITUDE MENTAL, SEGREDO DE BEM VESTIR

"O segredo da elegancia no vestir não é tanto uma questão de belleza, *maquillage* ou de vestidos luxuosos, mas sim de atitude mental".

Esta é a opinião de Gilbert Adrian, o famoso desenhista de trajes.

Fomos encontrar Adrian no seu estudio, dando os ultimos retoques nos varios modelos que vão ser usados por Joan Crawford numa das suas novas producções. Cercando o grande estudio e inclinado contra a parede estavam varios outros desenhos de modelos, que vão ser usados por outras *estrellas*, em novos films.

Adrian é um joven de intenso fervor profissional, que, antes de desenhar um vestido, estuda seu modelo com o mesmo minucioso cuidado com que um medico reconhece e examina um paciente. Fórma uma idéa exacta da indole espiritual da pessôa antes de traçar com lapis a primeira linha do desenho.

Antes de concentrar-se nas linhas da figura, analysa e observa o processo mental da mulher que vae usar suas creações. Para Adrian é muito mais importante saber como pensa a pessôa do que como parece. O mero facto de que uma joven se pareça com Greta Garbo não é razão para que se vista como Garbo... especialmente si ella espiritualmente se assemelha a Clara Bow.

"Uma mulher que não seja bonita", explicava Adrian, "tem mais probabilidade de ser verdadeiramente elegante do que a vencedora dum concurso de belleza, e isto não se applica sómente ás encantadoras *estrellas* de Hollywood, mas tambem ás moças que trabalham em escriptorios ou ás que se dedicam aos trabalhos caseiros.

"E' muito mais interessante vestir as mulheres que não são precisamente bonitas, mas que são dotadas de encanto espiritual do que as unicamente bellas, pela simples razão de que as primeiras expressam muito mais personalidade."

Perguntamos a Adrian o que elle realmente usava como guia quando se senta e se concentra num desenho de *toilette* para certa *estrella* usar na téla.

"Em primeiro logar, é necessario saber o que pensa a artista, do que gosta e do que não gosta", respondeu-nos Adrian. "Para

(Conclue na pag. 42)

No serviço secreto.

Esquecendo maguas.

Seducção!

NA LINHA DO DEVER

PRODUCÇÃO DA RADIO PICTURES

DIRECÇÃO: ROY J. POMERY

INTERPRETES PRINCIPAES: BETTY COMPSON, RALPH FORBES E MONTAGU LOVE

JANE GERSHON e seu noivo Eric Woodhouse separam-se na Allemanha após a declaração da Guerra Mundial. Encontram-se mais tarde como espiões allemães na fortaleza de Gibraltar.

Jane passa como filha de um velho amigo da familia do governador e Woodhouse, sob o nome verdadeiro, é ostensivamente um official britannico. Jane está para agarrar a chave do controle de minas espalhadas pelo porto, que, si manejada, significará a explosão da frota ingleza. Eric surprehende-a no momento em que a espiã vae pegar a chave. Ella tenta dissuadir Eric de destruir a frota ingleza que está

A salvação vinha pelo espaço.

Eram aliados na vida e no amor.

entrando no porto nesse momento. Durante essa discussão entre os dois, Eric nota um revolver, através da cortina, apontando para Jane. Immediatamente, Eric diz a Jane que o acto della o está levando para a morte. Elle diz que prefere o suicidio a enfrentar uma esquadra em fogo. Eric larga Jane sozinha e desapparece atraz de um reposteiro. Ouve-se um tiro e Jane comprehende que o rapaz se matára.

Antes que ella tenha tempo de procurar soccorro, o dono do revolver que Eric tinha visto antes de deixar Jane apparece. E' o criado hindú, Amahadi, que é na realidade um espião allemão. Elle reprehende Jane pela sua falta para com a patria e ameaça matál-a, fazer explodir as minas e depois culpál-a. O hindú, cuidadosamente, para não tocar no cofre que está carregado de electricidade, alcança o botão de controle, o qual levará á desgraça á esquadra. Antes que elle tenha opportunidade de alcançar o fatidico botão, Eric, cujo suicidio havia sido uma simulação, apparece, alveja Amahadi, e o hindú é electrocutado ao cahir junto do cofre

Jane e Eric descobrem que ambos são inglezes a serviço do Departamento de Intelligencia e que haviam sido designados para descobrir a trama do hindú. Ambos se encontram agora unidos a serviço da patria.

A ATTITUDE MENTAL, SEGREDO DE BEM VESTIR

(Continuação)

primir ao vestido o cunho de sua personalidade. A pessôa alludida tem que se sentir absolutamente confortavel em tudo o que usa. O vestido deve assentar bem só mente nella. Si uma mulher pensa que está usando algo que requer uma attitude especial, algo estranho á sua personalidade, é certo que apparecerá sem graça. Esta é a razão pela qual eu estudo primeiro o aspecto espiritual das *estrellas*.

"Por exemplo, a chave para descobrir a personalidade de Joan Crawford é sua seriedade. Joan é um fardo de energias, que, de par com sua tensão nervosa, a mantém sempre em movimento. Seus trajes, portanto, devem ter certo movimento. Si um desenhista de trajes deixa passar despercebido este caracteristico, desapparece a verdadeira Joan."

(*Conclúe na pag.* 52)

Os documentos secretos.

Escriptores e livros

Carlos Maul — O HOMEM QUE SE ESQUECEU DE SI MESMO — Editor A. Coelho Branco F.º — Rio — 1932 — 5$

A originalidade do titulo do livro desperta a curiosidade do leitor. Trata-se de um romance bem urdido, trabalhado em linguagem attrahente, segura, sem affectação. Obra pensada, cuja finalidade se percebe ao primeiro golpe de vista. Carlos Maul é um escriptor que dispensa o nosso elogio. Destaca-se nitidamente pelo valor das suas idéas e pela posse plena de todos os recursos da arte de escrever. Este romance vem apenas confirmar o seu mérito de profissional das letras, avivando-lhe ainda mais os traços de lutador impenitente, lutador insatisfeito, que procura espancar as trevas sociaes em busca de um idéal de justiça humana. Por isso mesmo, uma ou outra vez, deixa vir á tona o fél das suas idiosyncrasias, cantigando o proximo em antagonismo com o seu estado d'alma. Pura questão de temperamento, para uns, ou necessidade de acção constructora, como pensamos, resultante do desejo de realização de alguma coisa útil.

Não desvendamos o mysterioso romance do homem que se esqueceu de si mesmo, aos olhos do leitor, para conservar o encanto do livro. São paginas escriptas com o enthusiasmo de uma penna ágil, paginas vividas, meditadas, dignas de leitura.

Baptista Pereira — VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 6$

O autor reuniu em volume varios discursos, conferencias e outros trabalhos de interesse para os que estudam os homens e as coisas do Brasil. Intelligencia brilhante, cultura sólida, Baptista Pereira, como escriptor, tem o dom de seduzir pela maneira de expôr as idéas e segurança do manejo da lingua. As paginas acerca de Ruy Barbosa offerecem encanto especial, por isso que o autor teve a fortuna de viver na intimidade do grande Mestre, sendo hoje o seu maior biographo. Dahi o interesse nosso, aguardando a selecta que organizou, da prosa primina de Ruy, annunciada para breve.

Armando Brussolo — TUDO PELO BRASIL! — Editorial Paulista — São Paulo — 1932 — 8$

ESTE volume é o diario de um reporter sobre o movimento constitucionalista de S. Paulo. Notas apanhadas nos varios sectores da luta, e que dão ao leitor a nitida impressão do desenrolar do movimento revolucionario até o desfecho final, pela deposição das armas. Para maior interesse do livro, o autor o illustrou com cerca de 300 photographias. Quem esteve fóra do campo onde se travaram os dramas emocionantes da campanha, após a leitura deste livro, fica inteirado de tudo quanto se passou na terra dos Bandeirantes. O autor não é apenas o reporter frio, que annotou os factos para transmittil-os aos leitores d'*A Gazeta*, o vibrante vespertino paulista. Possúe grande vivacidade de espirito, escrevendo num estylo nervoso, que seduz.

Monteiro Lobato — AVENTURAS DE HANS STADEN — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

NESTE livro, o autor conta ás creanças as aventuras do allemão que naufragou nas costas do Brasil em 1549 e esteve oito mezes prisioneiro dos indios tupynambás.

As lições de historia patria narradas pelo autor são de molde a prender a attenção da petizada.

A edição é primorosa, trazendo grande numero de gravuras a côres.

Antero de Figueiredo — O ULTIMO OLHAR DE JESUS — Liv. Bertrand — Lisboa — 1932 — 8$

A suggestão do titulo conduz o leitor a adquirir o livro. Mas, quem o adquire, vive uma das melhores paginas do academico portuguez, paginas batidas pela luminosidade de um espirito que se destaca nitidamente, entre os melhores artistas da nossa lingua. Escriptor consagrado, neste livro, Antero de Figueiredo confirma apenas as suas qualidades já evidenciadas nos volumes anteriormente publicados.

O RETRATO DA MÃE

O velho Mattsson morava em uma das muitas casas que formavam a aldeia de pescadores, todas iguaes por sua fórma, suas dimensões, pelo numero de suas janellas e pela altura de suas chaminés.

Todas as habitações da aldeia eram mobiliadas com moveis idênticos. Nas janellas floresciam plantas iguaes. Os mesmos coraes e conchas decoravam os paramentos. Quadros muito parecidos ornavam todas as paredes. E, fieis aos costumes antigos, todos os habitantes do logar viviam a mesma existencia.

Mattsson havia pendurado um retrato de sua mãe junto de sua cama, e uma noite sonhou que o retrato descia da moldura, se lhe collocava deante dos olhos e lhe ordenava, imperiosamente: "Meu filho, precisas casar-te!" O velho considerou dever seu explicar ao retrato que era impossivel cumprir a ordem: Mattsson tinha sessenta e dois annos. Mas a imagem de sua mãe limitou-se a replicar, com maior energia: "Precisas casar-te!"

Mattsson respeitava profundamente o retrato de sua mãe. Havia muitos annos era elle seu unico, seu exclusivo conselheiro nos transes difficeis. Conselheiro fiel, que nunca enganára. Dessa vez, no emtanto, o conselho do retrato desconcertava o velho. Semelhante opinião não parecia inspirada pelo bom criterio de outras occasiões. Embora estivesse meio adormecido, Mattsson se lembrava claramente do que lhe occorrêra a primeira vez que tentou casar-se. No momento em que vestia seu terno nupcial, o prego que segurava o retrato se desprendeu, e este caiu ao chão. Mattsson não fez caso algum de sua advertencia. Mas não tardou em se arrepender. Seu matrimonio foi curto e infeliz. A segunda vez que vestiu seu terno de noivo para se casar, o retrato se desprendeu de novo, violentamente. Mattsson attendeu ao conselho: abandonou a noiva e os convidados, fugiu correndo e se engajou como marinheiro, para dar a volta ao mundo antes de aventurar-se a regressar á aldeia. E agora, depois de quanto havia succedido, a figura do retrato se erguia deante de Mattsson e lhe ordenava que se casasse!

Apesar do respeito profundo que o retrato de sua mãe lhe inspirava, Mattsson pensou que ella troçava delle. Mas o rosto, cinzelado pelo vento das ondas, permanecia sério. E a voz, fortalecida pelos gritos lançados no mercado local apregoando o peixe, repetia: "Casa-te, Mattsson!"

Mattsson supplicou ao retrato de sua mãe que levasse em conta o logar e as pessôas entre as quaes elle vivia. As cem casas que formavam a aldeia tinham o mesmo tecto ponteagudo e as mesmas paredes brancas. Todos os barcos de pesca tinham fórma igual. Nenhum habitante havia feito jamais algo de extraordinario. Sua propria mãe, si vivesse, se opporia áquelle casamento disparatado. Não fôra ella a primeira a acatar os usos e costumes? Sobretudo, onde já se vira o costume de um septuagenario se casar?

O retrato da mãe extendeu uma mão adornada de joias e reiterou-lhe severamente a ordem de obedecer. O vestido de taffetás negro com que apparecia sua mãe sempre cercára esta, aos olhos de Mattsson, de um prestigio sobrenatural. Seu grande broche e sua pesada cadeia de oiro impressionavam-no profundamente. Muito menos respeito lhe causaria si, em vez de ella retratar-se com tal vestido, se exhibisse em traje de pescadora, com lenço de xadrez na cabeça e seu avental coberto de sangue e escamas. Mas, vestida daquelle modo, tinha que ser obedecida. E Mattsson não teve outro remedio, sinão prometter que se casaria. E o retrato voltou a seu logar.

No dia seguinte, pela manhã, Mattsson se levantou muito angustiado. Não hesitava em cumprir o que havia ordenado o retrato de sua mãe, a qual sabia o que mais convinha a seu filho. Mas tremia ao pensar nos dias terriveis que sobreviriam.

Immediatamente, Mattsson pediu em casamento a mais feia das filhas do pescador mais pobre — uma joven de cabeça enterrada nos hombros e mandibula saliente. Os paes da moça o acceitaram e foi marcado o dia em que iriam á cidade publicar os proclamas.

O caminho da aldeia para a cidade atravessa uns prados maritimos onde sopra o vento, e uns pântanos com pastos. Tem a largura de uma milha, e a respeito delle existe a lenda de que os pescadores da aldeia são tão ricos que poderiam cobril-o de moedas de prata. Não é preciso salientar o encanto que essa lenda infunde no caminho. Coberto de prata, branco como as escamas brancas de um peixe, serpentearia entre as mattas e á beira das aguas de onde brotaria o coaxar melancolico das rãs. As margaridas que esmaltam aquellas terras desertas se contemplariam nas moedas

De Selma Lagerlof

luzentes, protegidas pelos espinhos dos cardos. Como cantaria o vento entre as arvores e os fios telephonicos! O proprio Mattsson, talvez se recreiasse em afastar a prata sonora com suas botas pesadas de marinheiro. Fosse como fosse, o certo era que Mattsson, para se casar, teve que percorrer aquelle caminho mais vezes que as que desejára.

Não tinha os papeis em regra. Os tramites que fizéra quando tentou casar pela segunda vez retardavam agora a publicação dos proclamas. Era necessario que o vigario escrevesse á curia para que lhe permitisse casar novamente. E em taes negociações andava Mattsson.

Emquanto estas duravam, o velho pescador ia á parochia os dias marcados para despachar as documentações de matrimonios. Permanecia alli silencioso e tranquillo até que o publico sahisse. Levantava-se então, e perguntava si o vigario havia recebido alguma carta.

— Ainda não — diziam-lhe.

O vigario contemplou o velho, que esperava, sentado no banco, com sua grossa camiseta, suas altas botas de mar, a cara intelligente e rude e o cabello grisalho, a autorização para se casar. E admirava-se de que em um velho tivesse o amor tal força e tal constancia para não desanimar deante tantos obstáculos.

— Tens muita pressa para o casamento? — perguntou-lhe, um dia, o vigario.

— Quanto mais depressa, melhor.

— E não achas que te conviria mais renunciar ao casamento? Já não és mais uma criança...

— Seu vigario não devia admirar-se — respondeu Mattsson, pondo-se na defensiva.

E ajuntou:

— Já sei que sou velho. Mas é preciso que me case. E' preciso...

E todas as semanas, durante seis mezes, voltou á séde da parochia. Seis mezes para que, afinal, lhe concedessem autorização!

Durante esse tempo, o povo não deixou de censurar Mattsson. Na praça onde seccavam as rêdes de pesca, na praia, em torno das mesas do mercado destinadas aos peixes, e até em alto mar perseguindo os bancos de arenques — em toda parte notava Mattsson que riam delle.

— Como?! Mattsson vae casar?! Mattsson, que jurára nunca mais o fazer?!...

Ninguem perdoou aos noivos. E o proprio Mattsson era quem considerava o casamento ridiculo, mais do que qualquer outro. O retrato de sua mãe estava na imminencia de enlouquecél-o.

* * *

AS primeiras horas da tarde do domingo, em que se publicaram os proclamas, o velho Mattsson foi até o pharol, fugindo da curiosidade e do riso da gente que o importunava. Ao pé do pharol encontrou chorando sua noiva, a quem interrogou:

— Porventura desejavas casar-te com outro?

Ella não lhe respondeu a principio, absorta que estava em arrancar e atirar nagua pedacinhos de cal.

— Estás porventura apaixonada por algum outro homem?

— Não.

Estava-se bem ali, ao pé do pharol. A agua batia em baixo. A luz do sol, bella, com um encanto renovado, banhava a aldeia distante, e as casinhas dos pescadores, iguaes todas, na terra plana.

Emquanto Mattsson se encontrava no pharol, entrou uma barca no porto. Um joven sentado no timão se destacou e cumprimentou a noiva. O velho surprehendeu o brilho súbito dos olhos da joven. E pensou: "Ah! Agora comprehendo. Estás apaixonada pelo rapaz mais bonito da aldeia. Pois elle nunca será teu. Vale mais a pena que te cases commigo, que o esperes.

Não havia modo de fugir ao que o retrato da mãe ordenava!

* * *

QUINZE dias depois, se verificou o casamento, e dias mais tarde sobreveiu o grande temporal de novembro.

Um dos pequenos barcos da aldeia perdeu o mastro e a direcção e, completamente desamparado, foi sem governo até os mares do sul. O velho Mattsson e mais cinco homens que o tripulavam andaram sem rumo, a bordo delle, durante dois dias e duas noites. Quando foram salvos, estavam quasi mortos de fome e de frio. Tudo estava gelado no barco. O velho Mattsson não recuperou a saúde. Permaneceu dois annos enfermo e morreu.

Muitos repararam na coincidencia de Mattsson se ter casado precisamente antes da tempestade.

— Ahi está uma mulher que se casará de novo facilmente.

Diariamente, durante a enfermidade, Mattsson contava a sua mulher a historia do retrato.

— Quando eu morrer, tu o guardarás como todas as coisas que me pertencem.

— Bem, homem! Não falemos mais nisso!...

— Quando fores novamente pedida em casamento, não deixes de observar o retrato de minha mãe. Não ha na aldeia pessôa que entenda melhor do que esse retrato das questões do matrimonio.

A CARREIRA PELA VIDA

DA expedição que foi com Lewis e Clark explorar as fontes do Missouri fazia parte um chamado Colter, grande amante dos desertos, cujos terrores e bellezas conhecia, e que não temia, nem mes mo, só, emprehender viagens de milhas e milhas. E assim, quando a expedição alcançou as fontes do Missouri, obteve permissão para ficar caçando por sua conta, devendo realizar, para voltar a S. Luiz, uma pequena viagem de 30.000 milhas.

Aquelles aventureiros eram gente atrevida, que percorria frequentemente regiões desconhecidas, para caçar ou extender laços com o additamento de algum pequeno combate, de vez em quando, com os pelle-vermelha.

Colter, quando se separou da expedição Lewis, se uniu a um caçador chamado Potts, e ambos fizeram bôas caçadas.

Colter era valente, mas não temerario. Emquanto que Potts..., de Potts não se podia dizer o mesmo.

Uma manhã, percorriam o rio em uma pequena canôa para collocar as rêdes, quando ouviram um grande rumor, que lhes deu que pensar. O rio deslisava entre dois muralhões, e era impossivel ver de onde procedia o rumor. Colter temeu que se tratasse de algum bando de indios, mas Potts se poz a rir, e jurou que se tratava apenas de um bando de *misoutes*.

Contra sua propria opinião, Colter se deixou persuadir e seguiram para a frente. Contra sua propria opinião, e com irreparavel prejuizo para Potts. Porque bem depressa appareceram nas margens cerca de seiscentos guerreiros indios, em dois grupos um de cada lado do rio. O momento era critico. Avançar significava receber alguns disparos, e aproximar-se da beira era nada mais nada menos que lançar-se ao perigo de ser aprisionados e torturados. Um terrivel dilemma...

Os indios resolveram a situação ordenando aos exploradores que desembarcassem, ou que, em caso contrario... Os fusis eram, a respeito, bastante eloquentes. Confiando-se á sorte, Colter dirigiu a prôa da canôa para terra. E logo que saltaram, os indigenas arrebataram o fusil de Potts. Colter, comprehendendo que um só signal de fraqueza era sua perdição, arrebatou, por sua vez, o fusil ao indigena, e o devolveu a Potts. Este se lançou á canôa, dirigiu-a para o meio do rio, e deixou que Colter se arranjasse como pudesse.

Uma descarga, e em seguida, se ouviu a voz de Potts:

— Colter, estou ferido...

— Fizeste um disparate ao tentar a fuga... Volta...

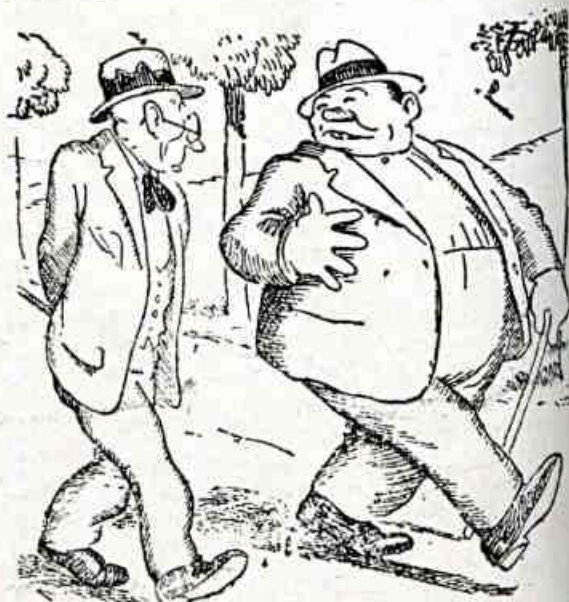
Potts perdeu a cabeça, e, em vez de obedecer, abateu, de um tiro, um dos indigenas. Antes não o houvesse feito... Os indigenas crivaram de balas a canôa, que, sem governo, deslisou á mercê das aguas.

Quanto a Colter, os indigenas se apoderaram delle, desarmaram-no e o despiram. Depois reuniram-se em conselho para resolver sobre sua sorte. Uns queriam matál-o após cruentos supplicios. Os mais benevolos pretendiam amarrál-o a uma arvore para que lhes servisse de alvo. O rosto pállido, impassivel, limitou-se a escutar o debate, pensando em como poderia salvar-se si se apresentasse a possibilidade.

De repente, o chefe agarrou Colter pelos hombros e pronunciou algumas phrases que o rosto pállido, conhecedor da linguagem, comprehendeu immediatamente.

— Sabes correr? E's veloz?

Com grande presença de espirito, Colter, que era considerado por seus companheiros corredor, mentiu e fez bem.

— Pessimo corredor! — respondeu ao chefe, que lançou um grunido de satisfação ao pensar na grande diversão da carreira que se preparava.

— Não me fale em médicos! Uma tarde, trez delles me examinaram e todos disseram que eu não tinha nada no estômago.

— E não tinham razão?

— Qual! nada! Eu tinha acabado de comer meio carneiro assado, mas não lhes quiz dizer nada.

De Eric Wood

— Salva-te, si puderes, rosto pállido! — disse-lhe o chefe dando-lhe um empurrão.

Sem esperar mais nada, Colter, despido, se lançou vertiginosamente por um prado, imitando o grito de guerra dos pelle-vermelha. Conhecendo bem o terreno, lançou-se em direcção a uma bifurcação do rio, hoje chamado Jefferson Fork.

Colter corria... pela vida, e correu como nunca pensára fazel-o. Correu mais de tres milhas, deixando seus pés rastros de sangue. Mas quiz ver a distancia que o separava de seus perseguidores. O grupo principal dos pelle-vermelha estava muito longe. Mas, a uma distancia de cem metros, o peseguia um homem isolado, que brandia sua lança. Colter fez um novo esforço, que lhe occasionou uma hemorrhagia de sangue pelo nariz. Continuou correndo e chegou a cerca de uma milha do rio. O pelle-vermelha já estava a quasi vinte metros. Um pouco mais e a lança attingiria Colter...

Este tomou, de subito, a mais surprehendente resolução. Deteve-se bruscamente e abriu os braços deante do pelle-vermelha, que, espantado, se deteve tambem, receioso de alguma armadilha. Mas, exhausto da carreira, cahiu no momento de lançar sua arma contra Colter. A lança partiu-se em duas, e Colter, com um dos pedaços, feriu ferozmente seu inimigo e fugiu, sem verificar o resultado.

Os outros indigenas já cercavam o companheiro cahido, dando assim, a Colter, tempo para proseguir sua carreira para a alludida bifurcação. Assim chegou elle ao rio, depois de atravessar um bosque, e se deitou no chão, para descansar, ainda que fosse apenas por alguns minutos.

Não tardou em ouvir rumores suspeitos, e comprehendeu que os pelle-vermelha já estavam proximo. Momentos ansiosos, cheio de sobresaltos...

Colter aguçou o ouvido: os pelle-vermelha percorriam a margem, lançando seus gritos de guerra, mas não davam com elle. Depois receberam reforços de outros pelle-vermelha montados, que proseguiram suas explorações. Tambem debalde.

Veiu a noite, e os pelle-vermelha se reuniram precisamente perto do local onde se achava Colter. Este ouviu como elles se referiam ao nullo éxito de suas pesquisas, e ouviu tambem abundantes invectivas dirigidas ao rosto pállido que os burlára. E Colter quasi chorou de alegria quando observou que seus perseguidores começavam a retirar-se. Mas temeu que alguns houvessem ficado á espreita.

Por conseguinte, permaneceu escondido. Estava hirto, faminto. Esperou que as trevas fossem completas e o bosque silencioso como uma tumba. Então, abandonando seu esconderijo, se atirou á agua e nadou, gozando do calor que se extendia por seu corpo graças aos rapidos movimentos de braços e pernas. Nadou durante um tempo que considerou longuissimo, até que chegou a um ponto que parecia seguro.

As caças, que proliferavam por toda parte, promettiam-lhe excellente manjar, mas elle não tinha armas.

E para chegar ao forte de Lisa, fim de sua viagem, teria que andar sete dias. Dias que deviam alongar-se, pois, por extrema prudencia, e pelo receio de ser descoberto pelos bandos errantes de pelle-vermelha, lhe era necessario descansar de dia e andar á noite. Desesperado pela fome, arrancou raizes comestiveis que, pelo menos, lhe bastaram para manter seu animo e sustentar seu corpo.

E, assim com inauditos esforços e espantosos soffrimentos o rosto pállido proseguiu seu caminho, alcançando, finalmente o forte, depois de uma viagem áspera e terrivel.

— E este outro chapéo que te parece?
— Já to digo. Quanto custa?

O "gentleman" que nunca mentiu

De PIERRE MILLE

NO escriptorio do senhor Jonás Obededom Merryweather, proprietario unico, dono absoluto, depois de Deus, de uma das mais famosas fabricas de Manchester (100 mil libras de beneficios annuaes), não se viam, sobre a mesa, além do caderno de notas onde esse eminente industrial fazia seus calculos, sinão dois objectos: uma Biblia e um telephone. Não havia logar para outra coisa na vida desse austero protestante britannico.

Fiel ao oitavo mandamento, Merryweather se orgulhava de não mentir nunca. Era muito conhecido. Sua palavra ninguem punha em duvida.

Um sabbado, pela manhã, disse a sua esposa:

— Flora, présta-me um serviço.

— Tudo o que precisares, dearie.

— Propõe-me a venda de 500 balas de algodão a 16 shillings e 6 pences.

— Que dizes?

— Que me proponhas a venda de 500 balas de algodão a 16 shillings e 6 pences.

— Não te comprehendo. Nem eu vendo algodão, nem nunca o tive.

— Flora — replicou Merryweather, com voz firme, — uma bôa esposa deve sempre obedecer a seu marido. Tu sempre foste bôa esposa. Estou orgulhoso disso. Não faltes hoje a esse dever sagrado. Faze-me a offerta que te digo.

— Pois bem. Desde que te agrada...

— Não, assim não. Nos negocios é preciso pôr os pontos nos ii. Dize-me: "Eu te proponho..."

— Eu te proponho 500 balas de algodão...

— Qualidade corrente, precisou Merryweather.

— Qualidade corrente, a 16 shillings e 6 pences.

— Assim está bem. Não te peço mais nada. Vou tomar nota da hora e da data. 29 de abril de 1925, ás oito e meia da manhã. Deixa-me rezar uma oração, e em seguida irei tomar o café.

Merryweather orou e tomou o café. Depois se dirigiu a sua fábrica e entrou em seu gabinete. Tocou a campainha.

— Que entrem os commissionistas.

Eram sete ou oito, de olhos agudos como a ponta de seus lapis bem afiados. Um pedido da casa Merryweather tinha que ser importante e a commissão esplendida. Era preciso muita prudencia, e era preciso reservar a margem para o risco. Achava-se alli, entre os commissionistas, Epaminondas Zaphyropulo, o grego de Smyrna, que foi medico na Italia, engenheiro na Bulgaria, jornalista na França e commerciante na Inglaterra. Merryweather sentou-se, brincando com sua penna.

— Sentem-se, amigos, sentem-se. Vejamos que quantidades offerecem.

— Trezentas balas, no fim do mez, a 18 shillings — disse um.

— A 17,8 — disse laconicamente outro. — A quantidade que o senhor deseje.

— A 17 — offereceu valorosamente Zaphyro.

— A penna de Merryweather tocava o papel, como para escrever, mas não escrevia.

— Não — decidiu, por fim, Jonás, após um momento de silencio.

— Não? — perguntou um. — Pois essa é a cotação.

— Eu ainda vendo abaixo da cotação — exclamou outro.

Zaphyro não disse nada. Reservava-se.

— Gentlemen — declarou Jonás Obededom Merryweather, lançando um olhar puro e candido, não faz nem duas horas... Isto — ajuntou, tirando o relogio, — faz exactamente uma hora e tres quartos que recebi uma offerta de 500 balas a 16 shillings e 6 pences.

— Não é possivel! — exclamou um commissionista.

Zaphyro separou suas mãos, em signal de desalento.

— Gentlemen — respondeu Merryweather, aborrecido — já ouviram dizer alguma vez que eu tenha mentido? Póde alguem affirmar que eu haja commettido tal peccado?

— Senhor Merryweather, o senhor é incapaz de mentir — respondeu Zaphyro, com um doce sorriso.

— De maneira alguma — assegurou outro commissionista.

Jonás sorriu, amavelmente.

— Muito me orgulho de que assim seja, senhores — disse. — Não é em vão que dediquei toda minha existencia ao culto da verdade.

E, voltando ao assumpto em questão, accrescentou:

Repito, pois, que me offereceram 500 balas a 16 shillings e 6 pences.

Zaphyro suspirou:

— O senhor faz, sem duvida, grande negocio — disse — mas, afinal, 300 balas a 16 shillings, que lhe representam? Convém-lhe?

— Acceito para satisfazel-os — exclamou Merryweather.

A' noite, Jonás disse a sua mulher:

— Não foi máo o dia. Imagine que comprei em condições quasi tão vantajosas como as que me fizeste esta manhã. Demos graças a Deus!

E rezou, contrictamente, uma oração...

O QUE SE DEVE SABER

AS LENDAS SOBRE PILATOS

Proconsul romano na Judéa, a figura de Pilatos, de principio, de certa maneira, não teve outra significação que representar o typo do juiz fraco e irresoluto.

A lenda, porém, pouco a pouco vae tornando-a interessante e, no seculo IV, quando surgiu aquella furia das falsificações dos relatos christãos, Pilatos não foi esquecido e apparecem *Os actos de Pilatos*, documentos apocryphos que lograram surprehender a bôa fé de santo Epiphanio e S. Gregorio de Tours, successivamente. E elle é tido, então, como evangelista, antes do chamado *Evangelho de Nicomedes* e Santo.

Os coptas assim o consideram, acreditando que elle padeceu o martyrio pela fé, no reinado de Caligula, e a egreja abyssinia o inclue no seu santoral, no dia 25 de junho, o mesmo fazendo a egreja grega com Claudia Procola, esposa do proconsul, cuja festa celebra no dia 27 de outubro.

A santidade de Pilatos suscitou não poucas controvérsias, e é tradição recebida pela egreja catholica que a mulher do proconsul lhe supplicou que não derramasse aquelle sangue por ter recebido em sonho uma advertencia.

O proprio S. Matheus diz que elle agiu instigado e forçado pelo povo, ao qual não se poude oppôr na sua qualidade de representante romano.

Os Evangelhos não dizem que Jesus foi condemnado por sentença expressiva de Pilatos. Pelo contrario, elle lavou as mãos naquelle transe.

A lenda diz ainda que Pilatos era italiano, tendo sido tambem governador da Hespanha Tarraconense. E, de facto, na Tarragona conserva-se uma casa do tempo dos romanos, conhecida pelo nome de *Casa de Pilatos*.

No Delphinado existe outra casita que leva o nome de Pilatos, por dizer a tradição que elle ali habitou.

Em Sevilha, o primeiro marquez de Tarifa fez construir uma casa com materiaes trazidos de Jerusalem, a qual, de accôrdo com os planos que deu, era uma copia fiel da casa de Pilatos na cidade santa, tal como estava quando o nobre hespanhol visitou os Santos Logares em 1533.

Reza ainda a tradição que Pilatos morreu no anno 40, em Vienne, (Delphinado), para onde foi desterrado.

Os romanos, porém, pretendem que elle se afogou no Tibre e os naturaes de Atapuerca (Burgos) mostram aos forasteiros o logar em que elle se suicidou.

Apezar de tudo isto, ha ainda quem sustente que Pilatos nunca existiu, que não foi que um symbolo da *Paixão*, já que *pontos pilatos* significa o mar espesso, o mar onde se banha a alma de todo aquelle que tem de preparar-se para o martyrio.

MATEI-A!...

(MONOLOGO)

POR MARIA A. DE BOVER

UM revolver... descarregado. Eis ahi o unico accessorio necessario para recitar este monologo, que póde ser dito de bengala, em "jaquette" e em mangas de camisa, deante de qualquer publico. Todos os que souberem misturar a divertida extravagancia e a espiritual malicia, a fantasia loucamente desboccada com a fina observação, podem estar certos de enlouquecer de contentamento o seu auditorio e provocar tempestades de riso.

* * *

Uma detonação entre bastidores. O actor entra, decomposto, com ar sinistro, empunhando seu revolver ainda fumegante.

— Está feito!... E' horrivel!... Matei-a!... Acabou-se! Desfechei-lhe o tiro pelas costas, e ella cahiu de braços no chão, fulminada, sem soltar um grito. Eu fugi sem voltar a cabeça... Oh, está bem morta!...

Quem?, perguntaes-me. Quem ha de ser?... Minha esposa. Oh, não!... Minha mulher amar a outro homem? Nunca, jamais. Oh, si fosse assim!

(*Agita o revolver, com furor*). Não, não se assustem, que eu não lhes vou fazer mal. Sou muito doce; acabo de matar minha mulher, é verdade, mas sou de temperamento doce. Si eu não amasse tanto, os senhores não teriam agora, deante dos olhos, um assassino. Mas não se assustem: não estou louco. Os senhores sabem muito bem que quando um homem acaba de matar sua esposa, tem o direito de estar um pouco perturbado..., sobretudo si ama á mulher... E eu a amava... e a matei. Não comprehendem, não é verdade? Escutem minha historia. (*Abandona o revolver*). Ha tres annos que eu era casado. Os senhores não conheciam minha mulher? Era encantadora. E ainda o é. Mas, que digo, si a pobrezinha está morta? Eu estava apaixonado ao ponto de ser feliz. Quanto a ella, posso assegurar que me adorava.

Assim é que minha felicidade sem mácula durou seis mezes. Ao chegar a este ponto, preciso fazer constar que sou jornalista, chronista e reporter do "Quotidiano": sou o que assigna "Mascarilla".

Eu fôra mandado por meu jornal a Tiflis, por motivo das festas da coroação do grande *hetman* dos cossacos do Cáucaso: uma viagem de tres semanas. Como os senhores comprehenderão, a idéa de andar um pouco depois de seis mezes de felicidade conjugal não me desagradou. Mas eis que minha mulher resolveu acompanhar-me. Isso era absurdo: não ha nada mais aborrecido que uma mulher viajando. Fiz o humanamente possivel para dissuadil-a. Sobre meu casaco cahiram torrentes de lágrimas. Deus sabe como terminaria aquillo, porque nós os homens somos muito fracos, quando, felizmente, minha sogra quebrou uma perna. Sua filha não podia abandonal-a e assim ficou resolvida a questão. Apenas tive que prometter-lhe que escreveria todos os dias.

No primeiro dia lhe escrevi; no segundo tambem; no terceiro... cinco linhas. No quarto lhe enviei um cartão-postal. No dia seguinte, não lhe mandei nada. Chegou-me um telegramma desconsolador, perguntando-se si eu havia morrido. Respondi que nunca me achára melhor. Em seguida, uma carta de doze paginas manchadas de lagrimas: "Tu me esqueces... Já não me queres..." "E eu que só vivo para ler tuas cartas..."

Os senhores querem dizer-me como vivi durante vinte e dois annos?... Foi isso o que disse eu, quando regressei, emquanto ella se desfazia em pranto. Mas, de onde diabo tiram as mulheres tantas lágrimas?

Resultado: tive que pedir a meu redactor-chefe que encarregasse os meus collegas das missões distantes... o que ha de mais attrahente na profissão, e eu fiz as grandes catástrophes, as inundações, os crimes sensacionaes, emfim, o que estreantes fazem.

Pensam os senhores que minha mulher se deu por satisfeita? Os senhores não a conhecem. Deu na mania de installar-se em meu gabinete quando eu trabalhava. (*Com voz aflautada*). "Não te incommodo, não é verdade, querido? (*Com voz áspera*). "Não, não me incommodas". "Não te fallarei... Calar-me-ei." (*No tom ordinario*). Que poderia responder? Então ella se installava com a

(*Continúa na pag. seguinte*)

condessa; a condessa é o "manequim" que eu baptizei com o nome titulo de "condessa de Mimbre"... Minha mulher achou isso muito espiritual.

Trazia a "condessa" a meu gabinete para provar um vestido ou ajustar um corpinho. Tinha a pretenção de fazer por si mesma uma infinidade de coisas... espantosas. Quando se é solteiro, se pensa que as mulheres confeccionam ellas proprias seus vestidos... Mas isso é uma lenda, que eu logo percebi. Não quizera que por isso se incommodassem as outras mulheres. Mas a minha não confeccionava nada... ou então só confeccionava aleijões. E confeccionava e provava em meu escriptorio... Eu mettia a penna no tinteiro, depois mordia o cabo da caneta, em seguida tornava a molhar a penna... escrevia duas linhas e riscava quatro...

— Vaes fatigar-te, querido.

— Fatigar-me?... Sou algum velho?

Um dia, já cansado, lhe disse:

— E's tu que me fatigas.

Uma scena, e meia hora para a reconciliação. Depois desse drama, fui escrever minhas chronicas no jornal.

Pensam os senhores que acabaram minhas dôres de cabeça? E os concertos onde se executa a duas, quatro, seis e oito mãos? Eu não temo a musica em geral, mas os concertos de piano os tolero como a homeopathia, em pequenas doses. A principio, julgava um dever acompanhál-a aos concertos. Depois já a deixava ir com a mãe, com a irmã. Quando ella regressava, me encontrava trabalhando. Mas não estava satisfeita: dir-se-ia que, sem mim, o piano não soava bem.

Privou-se dos concertos. Mas, que reprovação muda havia no sacrificio que eu não lhe pedira!

(*Novo accesso de furor*).

E' excusado dizer que minhas idas ao club a desesperavam. Tel-a-ia morto... Mas, que digo, si, afinal, occorreu o que tinha de succeder?...

Hontem, fui ao baile da marqueza de Santa Jujuga. Ella não me quiz acompanhar com o pretexto de que era uma reunião rastaquera. E' sempre uma razão. De resto, as mulheres são caprichosas. Voltei do baile ás quatro da manhã. Pállida, decomposta, ella me esperava em vigilia. Pois a gotta de agua que fez transbordar o copo me expoz a situação triumphante. O divorcio? Não. Quiz que lhe escrevesse todos os dias. Installou definitivamente a "condessa" em meu gabinete, pretendeu fazer-me ouvir vinte e sete peças de concerto, e, por fim, resolveu esperar-me sem se deitar.

Que fazer? Matál-a: eis ahi a unica solução. Carreguei meu revolver. Entrei em seu gabinete. Ella estava de costas para a porta. Vestida com traje de sahir, com chapéo... Fechei os olhos... e os senhores já sabem o resto...

(*Ruido entre bastidores*).

Oh! Que é isso? A policia, sem duvida. (*Com surpresa*). Como? A voz de minha mulher! Resuscitou! E' um castigo!

(*Voz feminina entre bastidores*). — Oh, que desgraça! Meu vestido novo! Meu chapéo! Quem fez isto? Venha, Faustina.

(*Com desalento, e adivinhando tudo o que se passou.* — Enganei-me! Matei a "condessa"! A "condessa de Mimbre."!

A VIDA

Eu passeava. Passeava sem destino. Passeava para fazer o kilo e para espairecer. Eram nove horas.

Pelas ruas escuras do bairro nem viva alma. O silencio era apenas quebrado, de vez em quando, pelos latidos vigilantes de algum cão de guarda. Soprava uma aragem fria, obrigando-me a ter as mãos nos bolsos.

— Uma esmola, pelo amor de Deus!

E a vóz do homem, sahindo do escuro, fez-me parar.

Era um velho cégo. Sobre o corpo magro e encarquilhado um gibão escuro não impedia que o frio daquella noite de inverno o chicoteasse, terrivel e desapiedado.

Aquelle velho miseravel tocou-me o coração. E uma piedade infinita impedia-me de andar.

Derribei algumas moedas no chapéu que o homem me estendia. E elle, grato, implorou por mim a Deus:

— Senhor, abençoaé-o!

Eu, então, continuei. Mas agora a imagem do velho não me abandonava. Aquella cabeça branca, aquellas faces emmagrecidas faziam-me pensar.

Um clarão repentino castigou-me os olhos. Na esquina acabava de apparecer uma "limousine". O auto passou e eu pude ver, no aconchego das almofadas, um casal. Elle, de cartola, um sobretudo rico e grande sobre a casaca. Ella, afogada na maciez linda duma "sahida" de peles.

Olhei ainda o carro que desapparecia.

Como é desigual a vida! Moços ainda, aquelles dois da "limousine" tinham tudo o que se póde desejar: fortuna, felicidade talvez. E lá atrás, tranzido de frio, o outro, muito velho, muito encarquilhado, a pedir uns tostões para alimentar o corpo magro...

Ah! Como é desigual a vida!...

FELIPE AUGUSTO

POEMA POBRE

Nunca negueis a esmola ao pobresinho
que nem siquer vos poderá falar.
Nunca digaes a elle, coitadinho!,
que não tendes um prato de comida,
que não tendes um pão para lhe dar.

Nunca negueis a esmola ao pobresinho,
o rosto macerado,
os olhos mortos,
a mão tremente e descarnada e fria...

Nunca negueis a esmola ao pobresinho
que vos mendiga o pão de cada dia
num riso desgraçado!

A ATITUDE MENTAL, SEGREDO DE BEM VESTIR

(Conclusão)

Jean Crawford, com effeito, quando vae experimentar um vestido, anda dum lado para outro, movendo os braços. O costureiro, portanto, não a concebe em repouso. Na sua imaginação creadora, desenha um vestido para ella, pensa em algo que suggere movimento. Adrian tambem descobriu que Jean mostra um grande interesse pelos vestidos, que tem desenvolvido seu gosto esthetico e que podem ser feitas agora muitas coisas para ella devido ao seu enthusiasmo pelos trajes elegantes. Sua atitude mental para a arte de vestir se tem intensificado e todas as vezes que Adrian desenha *toilettes* para uma nova pellicula de Miss Crawford, sente que a *estrella* se renova e se supera a si mesma.

Adrian tambem falou a respeito de Garbo. Incidentalmente, dão a Adrian o merito de ter descoberto a verdadeira Greta Garbo. Antes de tomar a seu cargo o trabalho de desenhar os trajes da grande artista, vestia-se esta de ouropel e lantejoulas. Actualmente, a *estrella* sueca nos faz pensar numa arvore fresca e esbelta, firmemente plantada na terra. Seu encanto nasce da raiz.

"Miss Garbo mostra muito interesse em todo aspecto creador que é um verdadeiro prazer crear os seus vestidos", disse Adrian. "E' provavelmente uma das mulheres mais suggestivas com que tenho trabalhado. Sempre está ansiosa por experimentar qualquer coisa que seja. Gosta de usar vestidos originaes".

Nos vestidos de Norma Shearer, Adrian expressa o instincto conservador da *estrella*. Este artista a concebe como o typo perfeito da mulher conservadora. Julga, comtudo, que no mais profundo do coração de "miss" Shearer ha um certo desejo de liberdade que não vae com sua indole geral. Com outras mulheres de seu typo occorre a mesma coisa, mas a encantadora *estrella* o expressa nos trajes que usa em seus films. Isso não o póde fazer fóra da tela. Adrian sente que Norma revela esta caracteristica de seu temperamento na concepção de trajes vividos para a suprema elegancia.

EUTHANASIA ESTÁ MORRENDO...

O capitalista Leobino Dias Bôamorte, lia calmamente um jornal da tarde, na Galeria Cruzeiro, á espera de um bonde de Ipanema, quando seu primo Catão Dias se lhe avizinhou, perguntando:

— Que fazes aqui?

— Espero um bonde para ir jantar com um amigo...

— Pelo que vejo, não te disseram nada a respeito de tua mulher...

— Não; de que se trata?

— Teu cunhado Albano, ha coisa de uma hora, alli no Ponto Chic, ao subir para um bonde, disse-me que Euthanasia está morrendo...

— Meu Deus, que desgraça! — exclamou, num estado de afflicção intraduzivel, o infeliz esposo.

E, tomando um taxi, não tardou a chegar a seu lar.

Recebeu-o, sorridente, o Albano, o proprio que havia dado a infausta noticia.

— Então, Albano, tu não tens coração? — perguntou indignado ao cunhado.

— Porque?

— Tua irmã está á morte e me recebes com esta cara tão alegre!

— Euthanasia á morte?

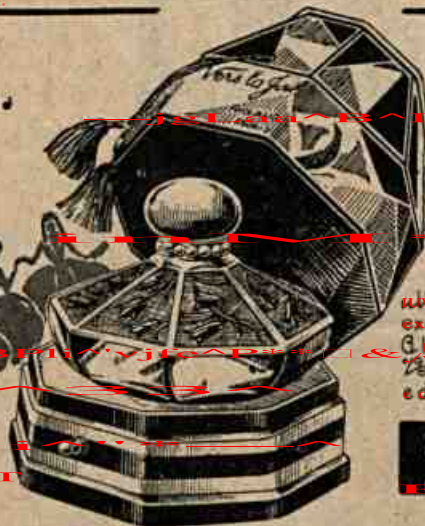
— Sim; disseste ao Catão.

— E' mentira! O que eu disse, que parece que elle não ouviu, é que a mana está morrendo...

— Morrendo?! — atalhou o outro.

— Sim; morrendo de amores por ti.

LEOPOLDO D. AMARAL

(Do livro "Leve que não é pesado...", a apparecer.)

Nunca negueis a esmola ao pobresinho...
pois ninguem sabe
de quantas lagrimas elle faz um riso,
para pedir um pão!

Nunca negueis a esmola ao pobresinho...
Oh! mil vezes não!
Porque a fome delle
é o espectaculo pathetico da Miseria,
que se desfaz ao timbre de um tostão!

Nunca negueis a esmola ao pobresinho,
porque a esmola, amigo,
se eleva a Deus na prece do mendigo,
e se transforma em rosas pelo chão!

ANDERSON HORTA

O ALEIJADO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

Poucos mezes depois de eu me casar, por uma noite de verão, estava em minha casa sentado junto ao fogão, e como tivesse passado um dia de trabalho extenuante, cabeceava, um tanto somnolento, sobre um romance, e fumava o meu cachimbo que enchera pela ultima vez.

Minha mulher recolhera-se, havia um bocado, e eu já ouvira fechar a porta do vestibulo, signal de que os creados tambem se tinham retirado. No instante em que, finalmente, me ergui da cadeira e sacudia a cinza do cachimbo, ouvi uma campainhada na porta.

Olhei para o relogio. Faltava um quarto para as onze. A taes horas não podia ser uma visita. Era de certo um cliente, e já entrevia a perspectiva de uma noite passada em claro. Um tanto mal humorado fui abrir a porta e, com enorme espanto, achei-me na presença de Sherlock Holmes.

— Vinha receioso, disse elle, que já fosse muito tarde para o encontrar levantado.

— Entre, meu amigo, respondi pressuroso.

— Parece surprehendido, o que não é para admirar. E tambem alliviado, imagino bem! Vejo que fuma ainda o tabaco Arcadia, dos seus tempos de solteiro! E' evidente pelo aspecto da cinza que tem o seu casaco. Tambem é facil concluir que já usou uniforme, Watson, e nunca passará por um verdadeiro paisano, emquanto conservar esse habito de metter o lenço dentro da manga. Póde hospedar-me esta noite?

— Com grande prazer.

— Disse-me que tinha quartos disponiveis para um amigo, e pelo cabide da entrada, que está vazio, sei que esta noite ainda não estão occupados esses compartimentos.

— E, portanto, que tenho o maior gosto que você vá occupar um delles.

— Obrigado. Começo por pendurar o meu chapéo no solitario cabide. Vejo com desgosto que teve obras em casa. Espero que não fossem nos canos de esgoto.

— Não, foi nos do gaz.

— Olhe, deixaram a marca de sapatos ferrados, no oleado, mesmo no sitio em que lhe dá a luz.

— Quer tomar alguma coisa?

— Não, obrigado, ceei em Waterloo; mas fumo de bom grado uma cachimbada comsigo.

Dei-lhe a minha tabaqueira: elle assentou-se defronte de mim e puxou algumas fumaças sem dizer palavra.

Pensei immediatamente que só um motivo grave o teria obrigado a vir ter commigo áquella hora, e deixei que elle proprio abordasse o assumpto.

— Vejo que tem uma clientela numerosa, disse elle, lançando-me um olhar inquisitorial.

— Sim, respondi, o meu dia foi bem cheio, mas, mesmo que me julgue idiota, confesso-lhe que não comprehendo como chegou a essa conclusão.

Holmes sorriu com malicia:

— Conheço bem os seus habitos, meu caro amigo, quando ha pouco trabalho, contenta-se em andar a pé; quando ha muito, aluga uma carruagem. Ora, como hoje as suas botas, ainda que usadas, estão limpas, disso concluo que a sua numerosa clientela o forçou a andar de carruagem.

— Optimo! exclamei.

— Raciocinio bem simples, todavia e com o qual se ataranta o interlocutor que esqueceu exactamente o pormenor sobre que se funda a deducção.

"E a mesma coisa direi, meu caro, a respeito de alguns desses seus esboços, que não são perfeitamente claros porque omittiu communicar ao leitor um factor essencial do problema. Por agora estou exactamente na mesma situação destes leitores. Tenho na mão muitos fios do enigma mais singular que jamais torturou um cerebro humano, e precisamente faltam-me um ou dois destes fios para completar a demonstração; mas hei de encontral-os, Watson".

Dizendo isto, a sua physionomia animou-se, os olhos brilhavam-lhe e uma coloração ligeira lhe assomou ás faces emmagrecidas.

Foi apenas obra de um momento, e quando os meus olhos tornaram a pousar nelle, tinha de novo encontrado essa impassibilidade de indio, que fazia com que muitas vezes o considerassem uma machina.

— O problema apresenta particularidades não só curiosas, mas, direi mesmo, excepcionalmente interessantes; estudei-o perfeitamente e estou, segundo creio, a dois passos da solução. Se você quizer auxiliar-me, será para mim de immensa utilidade.

— Ficarei contentissimo se puder sel-o.

— Póde ir amanhã até Aldershot?

— Posso; estou persuadido de que Jackson me substituirá junto dos meus clientes.

— Pois bem! partiremos então de Waterloo ás 11 horas e 10 minutos.

— E' tempo mais que sufficiente.

— Então se não tem muito somno vou lhe dar uma idéa do que está feito e do que resta fazer.

— Estava um pouco somnolento antes da sua entrada, mas passou-me completamente.

— Resumirei portanto a historia sem esquecer nenhum dos factos essenciaes. Talvez mesmo tivesse lido alguma narrativa do acontecimento. "Trata-se do assassinio do coronel Barclay do Royal Mallows em Aldershot".

— Não ouvi falar disso.

— Não me admira; o caso é muito recente, deu-se não ha ainda dois dias. Eis a historia em duas palavras: o Royal Mallows é, como sabe, um dos regimentos irlandezes mais celebres do exercito inglez; fez prodigios de valor na Criméa e na India, por occasião da revolta dos cypaios; e, desde então, não tem perdido ensejo para se distinguir. Até segunda-feira passada, o regimento era commandado por James Barclay, militar valente que começou por simples soldado e deveu os seus galões á sua valentia na India; chegou assim a commandar o regimento onde outr'ora se estreara de espingarda ao hombro. Barclay, quando sargento, casara com Nancy Devoy, filha de um porta-estandarte do mesmo regimento.

"Como bem pode imaginar, os inicios do joven casal nesse meio, novo para elles foram um pouco difficeis, mas depressa se acharam á altura da situação, e não tardou que a senhora Barclay fosse tão apreciada entre as mulheres dos officiaes, como o seu marido o era pelos seus irmãos de armas.

"Devo accrescentar que era muito bonita e que mesmo hoje, trinta annos depois de casada, ainda faz sensação. A vida de familia do coronel Barclay parece ter sido calma e feliz; o major Murphy, de quem obtive quasi todos estes pormenores, assegura-me que nunca chegou ao seu conhecimento a minima desintelligencia no casal. Julga, entretanto, que os sentimentos de Barclay pela mulher eram mais profundos do que a affeição da senhora Barclay pelo marido.

"Não podia passar sem ella um unico dia, emquanto que a mulher, não obstante ser-lhe sempre fiel e dedicada, era muito menos expansiva para com elle. No regimento passavam pelo modelo perfeito de conjuges chegados a uma certa idade, e nada na sua vida conjugal fazia prever o fatal desenlace que se seguiu. O coronel Barclay era um destes typos de militar antigo, de espirito vivo e de bom humor. Tinha, entretanto, as suas fraquezas, e, por vezes, deixava-se levar por accessos de furia, e até da vingança; nunca porém com a mulher.

"Um facto que impressionou muito o major Murphy e tres dos cinco officiaes que interroguei, foi um certo abatimento a que por vezes elle era sujeito. "O major Murphy conta que no club, no meio das festas e da alegria dos seus camaradas, parecia ás vezes que uma mão invisivel lhe tinha gelado o sorriso nos labios, e acontecia então que chegava a ficar alguns dias numa especie de torpor. Accrescente a isto uma certa tendencia para a superstição e terá as duas unicas particularidades de feitio que os seus amigos tinham observado nelle.

"A referida superstição manifestava-se por um horror profundo á solidão, sobretudo de noite; num homem tão viril como o coronel essa creancice tinha muitas vezes sido objecto das conversas dos seus amigos.

"O primeiro regimento dos Royal Mallows (antigo 117o) está de guarnição em Aldershot ha muitos annos. Os officiaes casados habitam fóra do quartel e o coronel mora na villa Lachine a meia milha de distancia, pouco mais ou menos, do acampamento do norte. A' roda da casa ha um terreno que está affastado da estrada apenas uns trinta metros.

"Um cocheiro e dois creados compõem todo o pessoal e constituem juntamente com os dois patrões, os seus unicos habitantes. Os Barclay não teem filhos e nunca recebem amigos. Chegamos agora aos acontecimentos que se passaram em Lachine, segunda-feira ultima, entre ás 9 e 10 horas da noite. A senhora Barclay é, ao que parece, catholica, e interessa-se especialmente pela fundação da confraria de S. Jorge, que tem sua séde na capella da rua Watt.

"Tem este instituto por fim distribuir aos pobres, fatos usados. Tinha havido uma assembléa na confraria, nessa mesma noite, ás 8 horas, e a senhora Brclay tinha jantado á pressa para lá ir; no momento da partida o cocheiro tinha ouvido a patrôa fazer ao marido algumas recommendações sem importancia, afinal, e prometter-lhe que voltaria depressa. Depois tinha passado em casa de miss Morisson.

"O quarto que na villa Lachina serve de saleta, tem a frente para a estrada, e serventia para o jardim que tem uns trinta metros quadrados é separado da estrada por uma porta alta e envidraçada; o jardim que tem uns trinta metros quadrados é separado da estrada por um muro baixinho, sobre o qual ha uma grade de ferro.

"Foi para este quarto que entrou a senhora Barclay, á volta.

"As persianas não estavam corridas porque em geral de noite ninguem entrava ali. Foi ella propria que accendeu o candieiro, chamou pela creada e mandou fazer uma chavena de chá, o que era contrario aos seus habitos. O coronel ficara na sala de jantar, mas sentindo a mulher veiu ter com ella á saleta; o cocheiro viu-o entrar depois de ter atravessado o vestibulo. Não devia sahir de lá vivo.

"Ao cabo de dez minutos, a creada trouxe o chá, mas approximando-se da porta ouviu com grande espanto os gritos de uma discussão. Bateu; depois, não obtendo resposta deu volta ao fecho e percebeu que a porta estava fechada e tinha a chave por dentro.

(Cont. na pag. seguinte).

"Correu a chamar a cozinheira, e as duas mulheres, com o cocheiro, ficaram no vestibulo a ouvir a discussão que se azedava.

"Estão todos de accordo em affirmar que não se ouviam senão duas vozes, a do coronel e a da mulher.

"As respostas de Barclay, bruscas mas em voz baixa, não eram perceptiveis; o tom da senhora Barclay era mais zangado, e quando levantava a voz ouvia-se distinctamente que repetia:

"— Cobarde, cobarde; que se ha de fazer agora? Cobarde, restitue-me a minha liberdade. Não quero respirar o ar que tu respiras. Cobarde, cobarde!"

"Estas phrases entrecortadas acabaram num grito terrivel do coronel; depois ouviu-se um choque e um clamor agudo da mulher. Não havia duvida, passava-se alli um drama.

"Emquanto os gritos redobravam no interior o cocheiro forçava a porta para ver se a arrombava, mas sem resultado; o terror das mulheres era tal que nem tiveram forças para o ajudar.

"Teve então a idéa de entrar pela porta de vidro do jardim, da qual um dos batentes ficava sempre aberto durante o verão, e foi assim que entrou na sala.

"A patrôa tinha deixado de gritar e estava estendida sem sentidos num canapé, emquanto o desgraçado official jazia inanimado, banhado numa poça de sangue, com a cabeça no chão ao pé do brazeiro do fogão, com as pernas ainda encostadas a um dos braços da poltrona.

"O cocheiro, vendo que já não podia nada fazer em auxilio do patrão, lançou-se sobre a porta para a abrir, mas a chave não estava na fechadura e em vão a procurou por toda a casa.

"Sahiu pois outra vez pela janella, e depressa voltou acompanhado por um agente de policia e um medico que fôra buscar. A mulher do coronel, sobre a qual pesavam naturalmente todas as suspeitas, transportaram-n'a desmaiada para o seu quarto. Collocaram o cadaver sobre um canapé e procedeu-se a um inquerito sobre o drama.

"O desgraçado veterano tinha na parte posterior da cabeça uma ferida da extensão de dois dedos, e a carne despedaçada. Provava que lhe tinham dado uma pancada violenta com um instrumento contundente.

"De resto não foi preciso ir longe pra o encontrar; no chão, mesmo ao pé do corpo, estava uma extranha moca de pau rijo esculpido, com um castão de osso.

"O coronel possuia com effeito uma linda collecção de armas que trouxera dos paizes exoticos onde servira, e a policia suppoz immediatamente que essa arma fazia parte das panoplias da parede.

"Os creados declararam não conhecer essa arma, e pensou-se simplesmente que teriam deixado de a notar entre as curiosidades da casa.

"Não se descobriu nenhum outro indicio no local do crime, a não ser o não poder encontrar-se a chave; em vão se procurou nas algibeiras da sra. Barclay, nas da victima e por toda a casa. Foi preciso recorrer-se a um serralheiro para arrombar a porta.

"Estavam as coisas por aqui, meu caro amigo, quando terça-feira de manhã o major Murphy me pediu que fosse eu a Aldershot para ajudar a policia.

"Concorda decerto commigo, que o problema era digno de interesse; mas estudando-o de mais perto, adquiri a certeza de que era mais interessante ainda do que se suppoz á primeira vista.

"Antes de examinar detalhadamente o quarto, interroguei os creados que em nada de novo me elucidaram.

"Jane, porem, chamou a minha attenção sobre um facto. Lembra-se que ella ao ouvir o barulho da discussão tinha descido, e subira depois seguida pelas outras creadas. Affirma ella que a principio, emquanto esteve só, não pudera perceber nenhuma palavra, tão baixo era o tom em que falavam os patrões, e que, se tinha adivinhado que alli se discutia, fôra pelo som das vozes e não pelas palavras trocadas.

"Apertando-a com perguntas, fizemol-a confessar que ouvira a patroa pronunciar por duas vezes o nome de David.

"Este detalhe é de grande importancia para determinar o motivo dessa subita discussão; deve lembrar-se que o coronel chamava-se James.

"Ha outro pormenor neste caso que fez a mais profunda impressão, não só nos creados, como na policia, que era a expressão contorcida do rosto do coronel. Segundo elles dizem, tinha uma tal expressão de terror, que ao vel-o varias pessoas se impressionaram a ponto de desmaiar.

"Percebe-se bem que o coronel, sentindo-se em perigo de vida, se enchesse de terror que a physionomia reflectia.

"Isto confirma perfeitamente a opinião emittida pela policia de que o coronel tenha sido ameaçado pela mulher. Verdade é que estava ferido na parte posterior da cabeça, mas podia-se facilmente suppor que elle se tivesse voltado para evitar o golpe.

Quanto á sra. Barclay, essa, tinha um ataque de febre cerebral, que a fazia delirar; não se podia pois obter della o menor esclarecimento.

"A policia tinha-me dito que miss Morisson, que deve lembrar-se, tinha sahido na propria noite do crime com a sra. Barclay, affirmava que nada tinha podido provocar a colera de sua amiga, pelo menos que fosse do seu conhecimento.

"Armado com esses esclarecimentos, appliquei-me eu, meu caro amigo, emquanto fumava algumas cachimbadas, a destrinçar dos factos decisivos, aquelles que não tinham senão uma importancia secundaria. Sem duvida alguma o ponto mais enigmatico era o

extraordinario desapparecimento da chave. Não obstante se terem feito innumeras buscas, foi impossivel descobril-a na sala. Alguem, portanto, a devia ter levado sem que esse alguem pudesse ser o coronel ou a sua mulher. Nesse ponto não havia duvida. Portanto uma terceira pessoa tinha entrado no quarto, e essa pessoa não tinha podido entrar senão pela janella.

"Pensei então que uma inspecção minuciosa do quarto e do jardim me devia revelar a pista do mysterioso individuo.

"Conheço os meus processos em casos semelhantes. Appliquei-os minuciosamente; e acabei por descobrir indicios; mas que differentes daquelles que eu imaginava descobrir!

"Um homem tinha entrado no quarto, tinha atravessado a relva do lado da estrada, davam-me disso prova, cinco pégadas bem distinctas: uma na propria estrada no sitio onde tinham escalado o muro, duas no jardim e duas mais leves, por fim, no bordo da janella por onde elle devia ter entrado. Devia ter atravessado o jardim a correr porque a ponta dos pés estava mais marcada do que os tacões. Mas, note bem, o que me intriga sobretudo não é elle, é o seu companheiro."

— O seu companheiro?

Holmes tirou da algibeira uma folha de papel de seda e abriu-a cautelosamente sobre os joelhos.

— Que pensa disto? perguntou elle.

O papel estava coberto de marcas que pareciam provir dos pés de um animal pequeno; cinco dessas marcas eram feitas por unhas muito compridas, e cada uma dellas cabia dentro de uma colher de chá.

— E' um cão? perguntei eu.

— Já viu algum cão trepar pelas cortinas? Ora tenho a prova que esse animal o fez.

— E' então um macaco?

— Não é a pégada de macaco.

— O que é então?

— Nem cão, nem gato, nem macaco, nem bicho que nos seja familiar. Tentei reconstituil-o, tomando-lhe as medidas. Aqui estão quatro pégadas desse animal, quando está parado.

"As patas dianteiras não distam das de traz menos de quinze pollegadas e meia.

"Accrescente a isso o comprimento do pescoço e da cabeça e terá um animal com um tamanho aproximado de dois pés, um pouco mais, talvez, se tiver cauda. Olhe agora esta outra dimensão: aqui o animal mexeu-se e temos o comprimento de uma das suas pernadas: attinge trez pollegadas pouco mais ou menos.

Isto indica um corpo muito comprido com patas muito pequenas. Infelizmente o animal não teve a boa idéa de deixar alguns pellos na sua passagem, mas o conjuncto da sua estructura é bem aquelle que eu indico. E' carnivoro, e pode trepar por uma cortina.

— Mas de onde tirou essa deducção?

— De ter subido pelo reposteiro acima, sem duvida para apanhar o canario cuja gaiola estava suspensa na janella.

— Então que animal é esse?

— Ah! Se eu pudesse precisar-lhe o nome seria isso um grande passo para a solução deste problema. Para mim, deve ser um animal da familia da fuinha ou da doninha, maior todavia que todas as que eu conheço.

— Que relação poderá elle ter com o crime?

— Não é ainda possivel definir; mas estamos um pouco mais adeantados do que ha bocado.

Sabemos que na estrada estava um homem, que esse homem foi espectador da questão entre os Barclay, visto que as persianas estavam abertas e o quarto illuminado. Sabemos tambem que elle atravessou o jardim e que entrou no quarto acompanhado por um animal extranho; deve ter sido elle quem feriu o coronel, ou, o que é tambem admissivel, que o coronel horrorizado pela sua presença, tenha cahido para traz e aberto o craneo contra a quina da chaminé.

Emfim, asseguramo-nos de que o intruso, levou comsigo a chave, quando fugiu.

— Parece-me que a sua descoberta veiu ainda mais complicar os factos, respondi!

— E' verdade. Entretanto revelou um caso muito mais complexo do que a principio se imaginava.

Pensei maduramente e convenci-me que era preciso encarar o problema de uma maneira differente. Mas tenho-o aqui acordado, meu caro Watson, e podia sem prejuizo contar-lhe tudo amanhã quando fossemos para Aldershot.

— Não, não, já me disse demais para parar agora em tão bom caminho.

— E' bem certo que quando a senhora Barclay sahiu de casa ás 7 horas e meia, havia perfeito accordo entre marido e mulher; como lhe disse, ella nunca era muito expansiva, mas o cocheiro affirma que a viu antes de partir, falar amigavelmente com o coronel. Por outro lado é certo que á volta, ella foi directamente para o quarto onde menos esperava encontrar o marido, e que, com os nervos excitadissimos se apressou a mandar fazer uma chicara de chá, e em seguida explodiu em violentas recriminações quando o coronel entrou.

Deve pois ter havido entre as 7 e meia e as 9 horas, um incidente capaz de mudar os sentimentos della para com elle. Mas miss Morisson passou esse tempo todo com ella, e, a despeito das suas negativas, fico convencido que ella sabe perfeitamente, o que ha de pensar desta aventura.

Primeiramente tinha eu supposto que entre a ra-

(Continúa na pag. seguinte)

pariga e o coronel, tivesse havido qualquer romance e que miss Morisson houvesse confessado á sra. Barclay o que se tinha passado.

Esta hypothese não seria inteiramente incompativel com a maior parte das palavras surprehendidas no decurso da discussão. Mas como explicar esse nome de David?

Depois, a affeição bem conhecida do coronel pela sua mulher era um argumento contra; sem falar da tragica intrusão desse homem, ainda que esta possa não ter tido nenhuma relação com os acontecimentos precedentes.

A solução não era simples, mas sentia-me disposto a renunciar á idéa de um romance entre o coronel e miss Morisson, ficando em todo o caso convencido, que a rapariga conhecia a causa da raiva subita da senhora Barclay contra o marido.

Fui portanto direito ao ponto, e procurei em sua casa miss Morisson, affirmei-lhe a minha convicção de que ella sabia todos os pormenores, e assegurei-lhe que a sua amiga, a sra. Barclay, seria certamente inculpada do crime, emquanto o caso não fosse esclarecido.

Miss Morisson é uma raparigasinha etherea, com uns olhos timidos e uns cabellos louros, mas a quem não falta nem lucidez nem bom senso. Ouviu as minhas palavras em silencio, e depois voltando-se para mim com um ar brusco e resoluto, fez-me a extraordinaria narração que vou resumir:

"Prometti á minha amiga que não falaria e promessas devem-se manter. Entretanto, se lhe posso valer num momento em que uma tão terrivel accusação pesa sobre ella, e no qual a sua doença a reduziu ao silencio, creio que a nada sou já obrigada. Vou-lhe pois contar o que se passou na segunda-feira á noite.

"Voltavamos da reunião de Watt Street ás 9 horas menos um quarto; passavamos por Hudson Street, que é uma rua muito socegada, alumiada do lado esquerdo por um unico lampeão, que estava perto de nós, quando vi aproximar-se pela nossa frente um homem corcovado.

Trazia uma bandoleira e qualquer coisa que se parecia com uma caixa. Parecia completamente deformado, e ia de cabeça baixa, com os joelhos curvados. Iamos a passar por elle quando ergueu os olhos para nós justamente no instante em que a luz nos alumiava em cheio. Parou instantaneamente, e gritou com uma voz terrivel:

— "Oh meu Deus! E' Nancy.

"A sra. Barclay tornou-se pallida como uma defunta, e teria cahido se a horrivel creatura a não amparasse nos braços.

"Ia chamar a policia quando, com grande surpresa, ouvi a minha amiga falar a esse homem com a maior doçura.

— "Imaginava-o morto ha trinta annos, Henrique, disse ella com voz tremula.

— "E' verdade, respondeu elle num tom que me fez estremecer. A sua cara negra e selvagem, o brilho dos seus olhos perseguem-me ainda em sonhos. Tinha os cabellos e as suissas grisalhos, e uma cara enrugada como uma maçã resequida.

— "Peço-te que vás um pouco adeante, minha querida; preciso falar a este homem. Não tenhas medo."

"Fiz o que ella me pedia e deixei-os conversar durante alguns minutos. Quando veiu ter commigo notei que tinha os olhos muito brilhantes, e vi nesse momento sob o lampeão, o velho estropiado cerrar os punhos convulsivamente e agital-os no ar como se estivesse louco de raiva.

"A sra. Barclay conservou-se calada até chegarmos á casa, mas defronte da porta agarrou-me a mão e supplicou-me que não dissesse a ninguem o que acabava de passar-se.

— "E' um dos meus velhos amigos, cahido na desgraça, disse ella.

"Quando lhe prometti guardar segredo, beijou-me e depois não a tornei a ver.

"Já lhe disse agora tudo quanto sabia, e se não communiquei estas declarações á policia, é porque não comprehendi nesse momento o perigo que corre a minha amiga. Sinto bem que a revelação da verdade não é senão em seu proveito."

Como pode imaginar, meu caro amigo, isto foi para mim um raio de luz. Os factos que a principio discordavam ligaram-se immediatamente de tal maneira, que logo entrevi a que elles me conduziam.

Precisava agora descobrir o homem que tão fortemente tinha impressionado a sra. Barclay, coisa facil se elle estivesse ainda em Aldershot, por não ser tão grande o numero dos seus habitantes, que um estropeado possa passar despercebido entre elles. Consagrei um dia inteiro á sua procura e á noite, nessa mesma noite, deitei-lhe a mão.

Esse homem chama-se Henry e habita um quarto mobiliado na propria rua onde as senhoras o encontraram. Ha apenas cinco dias que elle alli se fixou. Fazendo-me passar por agente de recenseamento, tive com a proprietaria da casa, uma conversa das mais interessantes.

Esse homem exerce o mister de comico ambulante e prestidigitador. Dá voltas ás cantinas ao cahir da noite e alli exibe as suas representações.

Traz comsigo numa caixa um certo animal, de que a proprietaria tem immenso medo; diz ella que elle lhe serve para fazer partidas.

Eis todos os esclarecimentos que me poude dar a mulher. Accrescentou que era prodigioso como um homem tão deformado e desfigurado podia viver.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thesoureiro:
Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 31, 33, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

O Alfinete a Machuca?

A criança chora, esperneando-se no berço, com gritos de dôr. O alfinete de segurança estará, por acaso, a magoal-a?

Não! Seu estomago delicado ingeriu o conteúdo da mammadeira, mas não o tolera. Colicas! Convulsões! Vomitos de leite coalhado.

(Uma colherzinha misturada com o conteúdo da mammadeira, em vez de "agua de cal", evitará coliças e manhas.)

Mãe: Para evitar sustos e mal-estar ao seu filhinho,

LEITE DE MAGNESIA DE *Phillips*

O antiacido-laxante ideal

EVITE AS IMITAÇÕES!

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98
Rio

S. Bento, 35
S. Paulo